

SAYMON ALVES MEYER

**EUCARISTIA:
caminho de divinização.**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Teologia da Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC), para a obtenção do Grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Galdino Feller.

Florianópolis
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC.

Alves Meyer, Saymon

Eucaristia: caminho de divinização / Saymon Alves Meyer; Orientador: Dr. Vitor Galdino Feller; Florianópolis, SC, 2024.

63 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

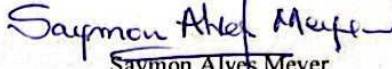
Inclui referências:

1. Divinização 2. Eucaristia 3. Reino de Deus. II. Título.



FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC)

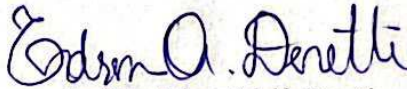
Rua: Deputado Antônio Edu Vieira, 1524 - Caixa Postal nº 5041 - Bairro: Pantanal
88.040.245 - Florianópolis (SC) - Brasil - CNPJ nº 82 898 891/0005-33 -
Fone/Fax: (48) 3234-0400
Site: www.facasc.edu.br - E-mail: secretaria@facasc.edu.br


Saymon Alves Meyer

Eucaristia: caminho de divinização.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para
obtenção do título de Bacharel em Teologia e aprovado em sua forma final pelo
Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 07 de agosto de 2024.


Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti

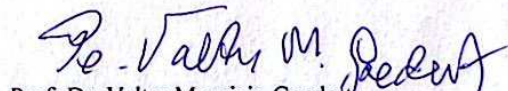
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Vitor Galvão Feller

Faculdade Católica de Santa Catarina

Orientador(a)


Prof. Dr. Valter Mauricio Goedert

Faculdade Católica de Santa Catarina

Avaliador(a)

Dedico este trabalho à Arquidiocese de Florianópolis, à minha família e à comunidade formativa do Seminário Teológico Convívio Emaús que me fazem trilhar cotidianamente o caminho eucarístico de divinização.

Em primeiro lugar, agradeço ao Deus Uno e Trino pela vida, pela redenção e pela santificação operadas, por sua graça, em mim. Agradeço à Igreja, minha mãe, especialmente à Igreja Particular de Florianópolis que me acolheu e formou. Agradeço à minha família, especialmente aos meus pais, Hamilton e Lúcia, pelo apoio irrestrito ao longo desses anos. Agradeço à comunidade formativa do Seminário Teológico Convívio Emaús, formadores e seminaristas, que durante esta jornada de estudos teológicos foram inspiração e instrumentos de Deus para o meu crescimento e desenvolvimento. Agradeço à Faculdade Católica de Santa Catarina, com seus professores e colaboradores, pela sólida formação teológica oferecida durante estes quatro anos, especialmente ao Pe. Vitor Galdino Feller, orientador desta pesquisa, pela condução e inspiração. Agradeço à Paróquia São Sebastião de Anitápolis/SC, onde nasci, à Paróquia São Luís Gonzaga de Brusque/SC, onde redescobri meu chamado vocacional, e à Paróquia São Francisco de Assis do Aririú, em Palhoça/SC, onde realizo meu estágio pastoral-missionário, por serem comunidades fervorosas e por me ensinarem o valor essencial da Eucaristia para a vida cristã. Agradeço aos meus benfeitores, sinais da Divina Providência, que me sustentaram espiritualmente e materialmente durante esses anos. E, por fim, agradeço aos meus amigos que tantas vezes me apoiaram e incentivaram e aos meus colegas de turma com os quais pude partilhar as alegrias e desafios dos estudos teológicos.

“A Eucaristia é o ponto donde tudo irradia e para o qual tudo conduz.”
(São João Paulo II)

RESUMO

A presente pesquisa, de caráter metodológico bibliográfico, busca compreender a Eucaristia como caminho de divinização do ser humano. Para isso, no primeiro capítulo, expõe-se a doutrina oriental da divinização, cujo fundamento está no mistério da Encarnação do Verbo e que, no ser humano, se realiza por meio da ação do Espírito Santo. Já no segundo capítulo, traz-se uma análise do sacramento da Eucaristia e sua celebração que faz do ser humano participante da vida de Cristo, ou seja, procura relacionar o sacramento com o processo de divinização. Por fim, no terceiro capítulo, apresenta-se alguns elementos concretos da vida eucaristizada-divinizada, procurando compreender que a obra de divinização realizada no ser humano pela Eucaristia deve comprometer a todos com a transfiguração do mundo, colaborando com a construção do Reino de Deus.

Palavras-chave: Divinização. Eucaristia. Reino de Deus.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Cor – Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
1Jo – Primeira Carta de São João
1Pd – Primeira Carta de São Pedro
2Cor – Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios
2Pd – Segunda Carta de São Pedro
At – Livro dos Atos dos Apóstolos
CEC – Catecismo da Igreja Católica
Cl – Carta de São Paulo aos Colossenses
DD – *Dies Domini*
Dt – Livro do Deuteronômio
EE – *Ecclesia de Eucharistia*
Ef – Carta de São Paulo aos Efésios
Fl – Carta de São Paulo aos Filipenses
Gl – Carta de São Paulo aos Gálatas
Gn – Livro do Gênesis
GS – *Gaudium et Spes*
ILM – Introdução ao Lecionário da Missa
Jl – Livro do Profeta Joel
Jo – Evangelho segundo João
Lc – Evangelho segundo Lucas
LG – *Lumen Gentium*
LH – Liturgia das Horas
Lv – Livro do Levítico
Mc – Evangelho segundo Marcos
MF – *Mysterium Fidei*
MND – *Mane nobiscum Domine*
MR – Missal Romano
Mt – Evangelho segundo Mateus
PO – *Presbyterorum Ordinis*
Rm – Carta de São Paulo aos Romanos
SC – *Sacrosanctum Concilium*
SCa – *Sacramentum Caritatis*
Sl – Livro dos Salmos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 DIVINIZAÇÃO	9
1.1 MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO, FONTE DE DIVINIZAÇÃO	9
1.2 A DOCTRINA DA DIVINIZAÇÃO	12
1.2.1 A divinização do ser humano na Sagrada Escritura	12
1.2.2 A divinização do ser humano nos Padres da Igreja	14
1.3 A DIMENSÃO PNEUMATOLÓGICA DA DIVINIZAÇÃO.....	20
2 EUCARISTIA	24
2.1 À MESA COM O SENHOR	24
2.1.1 Ação de graças.....	26
2.1.2 Memorial	27
2.1.3 Presença real.....	28
2.1.4 Penhor da glória futura	28
2.2 A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA E A DIVINIZAÇÃO	29
2.2.1 A Liturgia da Palavra.....	30
2.2.2 Análise eucológica.....	32
2.2.2.1 Orações Eucarísticas	32
2.2.2.2 Orações pós-comunhão	35
2.3 CAMINHO DE DIVINIZAÇÃO	37
3 POR UMA VIDA EUCARISTIZADA-DIVINIZADA	42
3.1 “SOMOS AQUILO QUE COMEMOS” (Ludwig Feuerbach)	42
3.1.1 Aumento da união com Cristo	43
3.1.2 Separação do pecado	43
3.1.3 Realização da unidade do corpo eclesial	44
3.1.4 Compromisso com os pobres.....	45
3.1.5 Promoção da unidade dos cristãos.....	46
3.1.6 Diversificação e diversidade de ministérios	46
3.2 DA CELEBRAÇÃO AO TESTEMUNHO	48
3.3 COMPROMETIDOS COM O REINO DE DEUS.....	51
3.3.1 Princípio da realização do Reino	53
3.3.2 Compromisso social com a humanização do mundo.....	54
3.3.3 Presença entre nós, ainda não em plenitude	55
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

INTRODUÇÃO

A doutrina da divinização é uma das mais belas reflexões teológicas do oriente cristão, pois, permeada pela Sagrada Escritura e pela tradição dos Santos Padres, ajuda a compreender o valor do ser humano e da sua altíssima vocação de tornar-se participante, pela graça, da vida divina. Tal participação acontece por meio de um processo gradativo no qual a graça, agindo em nós desde o Batismo, torna-nos semelhantes a Cristo e vai, deste modo, configurando-nos a Ele. Este caminho que o ser humano é chamado a percorrer foi pavimentado pelo próprio Senhor Jesus quando, na véspera da sua paixão, deixou à sua Igreja o memorial da sua Páscoa, isto é, a Eucaristia. O Sacramento da Eucaristia, em vista disso, não se resume em ser apenas um sacramento de comunhão com o Senhor, mas é também um caminho privilegiado de transformação do ser humano que, ao alimentar-se do pão vivo descido do céu, deixa-se envolver pela dinâmica da divinização.

A presente pesquisa denota relevância, pois, no contexto de um mundo profundamente secularizado, polarizado e individualista, marcado por extremismos até mesmo no seio da comunidade eclesial, é necessário e urgente o anúncio da divinização por meio da participação na mesa do Senhor que congrega os irmãos, torna-os iguais e os alimenta com o mesmo pão do céu. Compreende-se que é a partir deste despertar que o ser humano poderá realizar com consciência o seu processo existencial de ser imagem e semelhança de Deus-Trindade, sendo agente da transfiguração do mundo.

Portanto, essa pesquisa propõe-se a explorar a intersecção entre a divinização do ser humano e a Eucaristia, ao apresentar a Teologia da Graça oriental e relacioná-la com a teologia sacramental e litúrgica da Eucaristia, sob a perspectiva da teologia ocidental. Diante disso, essa pesquisa pergunta-se: como a Eucaristia pode se tornar caminho de divinização do ser humano, considerando a dinâmica interior da graça na vida dos batizados e a dinâmica celebrativa do mistério da Eucaristia na liturgia da Igreja?

Para tanto, no primeiro capítulo, expõe-se a doutrina da divinização, entendida como participação do ser humano na natureza divina, cuja fonte está no mistério da Encarnação do Verbo, quando é inaugurada uma nova forma de comunhão entre o humano e o divino. Assim, partindo da Sagrada Escritura e da tradição dos Santos Padres, procura-se fundamentar esta doutrina e lançar luzes para compreender a dimensão pneumatológica da divinização, a fim de completar o entendimento teológico deste processo que a graça opera no ser humano.

No segundo capítulo, o foco desloca-se para o sacramento da Eucaristia, buscando analisar este sacramento e sua celebração como meio privilegiado para a divinização. Estar à

mesa com o Senhor para celebrar a Eucaristia é dispor-se à celebração da ação de graças, do memorial, da presença real e da dimensão escatológica deste sacramento. Por isso, pretende-se dar destaque à liturgia da Palavra e à análise de alguns textos litúrgicos que explicitam a doutrina da divinização, para assim chegar à compreensão da Eucaristia, não apenas como um evento isolado de adoração, mas como caminho contínuo de divinização.

Considerando o que foi desenvolvido pelos capítulos anteriores, o terceiro capítulo apresenta a transição da comunhão eucarística à vivência prática da fé, da celebração eucarística ao testemunho concreto, partindo dos frutos que a Eucaristia gera na vida eclesial, social e pessoal. A celebração eucarística é um prelúdio do Reino definitivo, mas também é um impulso para a ação no mundo presente, onde o compromisso dos batizados com a humanização do mundo é manifestação tangível da divinização, e realização, mesmo que ainda não em plenitude, do Reino de Deus entre nós.

Utilizando-se da metodologia bibliográfica, a presente pesquisa contou com diversos autores e obras, destacando alguns Santos Padres e documentos pontifícios, sobretudo dos pontífices João Paulo II e Bento XVI. Além disso, contou com textos litúrgicos oferecidos pelo Missal Romano, em sua terceira edição típica, bem como da Liturgia das Horas. Para os textos bíblicos adotou-se o uso da tradução da Bíblia de Jerusalém.

Por fim, a presente pesquisa deseja contribuir para a reflexão sobre a relação entre a Eucaristia e a divinização, de modo que se chegue a um entendimento cada vez mais claro e prático da divinização como ideal de vida do ser humano e do papel da Eucaristia na realização deste ideal. Trata de ajudar a compreender a Eucaristia como um valor que molda a vida e se torna caminho de transfiguração do ser humano na sua peregrinação neste mundo.

1 DIVINIZAÇÃO

No presente capítulo, com o intuito de expor a doutrina oriental da divinização, desenvolvemos a compreensão do mistério da Encarnação, como fonte de divinização, apontando, com isso, para a exposição da doutrina da divinização, fundamentada na Sagrada Escritura e na compreensão de alguns dos Santos Padres. Por fim, apresentamos a dimensão pneumatológica da doutrina da divinização, procurando compreender a ação do Espírito Santo na vida daqueles que foram criados à imagem e semelhança de Deus-Trindade.

1.1 MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO, FONTE DE DIVINIZAÇÃO

A divinização tem seu ponto de partida na criação do ser humano, “criado à imagem de Deus”¹, não sendo uma simples emanção do Criador, mas um outro, ou seja, uma criatura. Em virtude da ação reconciliadora de Cristo, o ser humano é conduzido por um processo educativo, no Espírito de Cristo, a participar da essência e da imagem do Filho de Deus,² isto é, a participar por graça na relação filial do Filho de Deus feito homem.³ A fonte da doutrina da divinização é encontrada na máxima de Santo Atanásio: “o Verbo se fez homem, a fim de que nós alcançássemos a divinização”⁴, isto é, o mistério da Encarnação dá todo o sentido para a divinização humana, pois não seria possível a divinização do ser humano se o Verbo divino, verdadeiro Deus, não tivesse assumido a nossa carne.⁵

A ação do Espírito Santo presente em nós nos coloca em comunicação viva com Jesus e nos *deifica* com o Pai. Apesar de todos os seus defeitos, o vocabulário de ‘deificação’ ou ‘divinização’ (theosis, theo-poiêsis) impôs-se aos Padres Gregos como capaz de expressar a novidade da **condição à qual o homem foi reconduzido devido à encarnação do Filho de Deus. A divinização do homem responde à lógica interna da ‘humanização’, da encarnação de Deus: é uma troca misteriosa em que ‘cada um faz suas as propriedades do outro’**.⁶

¹ Gn 1,26.

² Rm 8,29.

³ MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática Católica: teoria e prática da teologia**. Trad. Volney Berkenbrock, Paulo Ferreira Valério, Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 273.

⁴ SANTO ATANÁSIO. **Contra os pagãos; A encarnação do Verbo; Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão**. São Paulo: Paulus, 2002. p. 198.

⁵ VIVEIROS, Rosana Araujo. **Deificação: caminho de humanização em Paul Evdokimov**. São Paulo: Loyola, 2017. p. 54.

⁶ SPIDLIK, Thomas. **La spiritualità dell’Oriente cristiano: manuale sistematico**. Roma: San Paolo, 1995. p. 51. Tradução nossa: “L’azione dello Spirito Santo presente in noi, ci mette in comunicazione viva con Gesù e col Padre ci ‘deifica’. Nonostante tutti i suoi difetti, il vocabolario della ‘deificazione’ o ‘divinizzazione’ (theosis, theo-poiêsis) si è imposto ai Padri greci come capace di esprimere la novità della condizione a cui l’uomo era stato

O mistério da Encarnação é, portanto, o que sustenta a reflexão teológica sobre a divinização. Isto é expresso, de maneira particular, na liturgia do tempo do Natal, como por exemplo na antífona do primeiro salmo das I Vésperas da Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus: “admirável intercâmbio! O Criador da humanidade, assumindo corpo e alma, quis nascer de uma Virgem. Feito homem, *nos doou sua própria divindade!*”.⁷ A finalidade última da Encarnação do Verbo é, portanto, a cristificação do ser humano, sua pneumatização, sua divinização.⁸

No mistério da Encarnação é revelado o plano salvífico de Deus em favor do ser humano. Este projeto divino tem origem no seio da Trindade, manifesta-se no envio do Filho e tem sua finalidade na divinização do ser humano pelo Espírito Santo. O significado deste evento, porém, não se limita apenas ao momento histórico em que o Verbo se encarna no seio da Virgem Maria, mas deve ser entendido de um modo mais amplo, compreendendo seu sentido histórico, ontológico e soteriológico:⁹ histórico por se tratar de um evento propriamente histórico e que envolve o todo da história humana; ontológico porque, pela Encarnação de Deus na história, o próprio ser do ser humano é tocado pela divindade do Verbo; soteriológico porque, na Encarnação, Deus opera de modo direto a redenção do gênero humano.

As doutrinas sobre a Encarnação e sobre a divinização são dois aspectos inseparáveis de um mesmo mistério. A divinização significa adoção filial, participação na filiação divina de Jesus pelo dom do Espírito Santo [...] não podemos separar a divinização do homem do desígnio divino para o qual fomos predestinados, a conformação com a imagem do Filho, o primogênito de uma multidão de irmãos [...] como Filho de Deus compartilha nossa condição humana, nós podemos compartilhar sua condição divina sendo filhos nele.¹⁰

A Encarnação é a plenitude da autocomunicação de Deus, ou seja, de sua economia, é mistério de condescendência divina e estabelece a união perfeita entre Deus e o ser humano. Encarnando-se o Filho de Deus se fez presente como homem no meio dos seres humanos para

ricondotto a causa dell'incarnazione del Figlio di Dio. La divinizzazione dell'uomo risponde alla logica interna della 'umanizzazione', incarnazione di Dio: si tratta di uno scambio misterioso in cui 'ciascuno fa sue le proprietà dell'altro'.” [grifo nosso].

⁷ LITURGIA das Horas. São Paulo: Vozes; Paulinas; Paulus; Ave-Maria, 1999. Vol. 1. p. 428 [grifo nosso] (LH).

⁸ VIVEIROS, 2017. p. 23.

⁹ PRAXEDES, Giselle F.; NOLÊTO, Flávio P. A formação da pessoa humana à luz do mistério da Encarnação: aspectos teológicos e antropológicos. **Revista De Magistro de Filosofia**, Anápolis, ano 12, n. 26, 2019. p. 2ss.

¹⁰ LADARIA, Luis F. **A Trindade, mistério de comunhão**. São Paulo: Loyola, 2009. p. 29.

comunicar-se com eles e realizar a união com eles.¹¹ Assumindo a natureza humana Ele se uniu a cada ser humano.¹²

A plena realização da finalidade da Encarnação reside na autocomunicação de Jesus aos homens até suas últimas consequências. Após a ascensão de Cristo e ao longo do período que se estende até o fim dos tempos, aguardamos a consumação dessa missão, a qual abrange sua extensão e prolongamento em nós e em toda a Igreja, por intermédio da Santíssima Eucaristia.¹³ A Encarnação perdura até o término dos tempos, representando um ato pelo qual Cristo se une à humanidade em sua natureza redentora. Portanto, a autocomunicação de Jesus continua a se expandir e ampliar tanto na Igreja como, por meio dela, no mundo.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, o Verbo de Deus se fez homem para nos salvar, reconciliando-nos com Deus e para que conhecêssemos seu amor.¹⁴ Além disso, encarnou-se para ser nosso modelo de santidade, Ele que é caminho-verdade-vida pelo qual temos acesso ao Pai,¹⁵ a norma da Nova Lei e o modelo das Bem-aventuranças. O fim último da Encarnação, de acordo com Santo Irineu, é nos tornar participantes da natureza divina: “pois esta é a razão pela qual o Verbo se fez homem, e o Filho de Deus, Filho do homem: é para que o ser humano, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo, assim, a filiação divina, se torne Deus”.¹⁶

Quando se fala de divinização pela Encarnação, não significa que se reduza toda a economia salvífica à Encarnação do Verbo. De fato, todos os autores estão de acordo em afirmar que a divinização, motivo pelo qual o Verbo se fez carne, compreende, por um lado, a vitória sobre a morte e, por outro, a restauração da incorruptibilidade e, finalmente, a restauração da imagem ou da filiação divina. Quando Atanásio fala de Encarnação, compreende neste mistério todas as outras etapas da vida de Cristo, e particularmente a sua morte e ressurreição. Por outro lado, a salvação/deificação não é um processo automático, mas requer sempre a livre adesão à fé e a participação sacramental do homem.¹⁷

Dessa forma, é imperativo que Deus se aproxime de sua criação para estabelecer uma união intrínseca, promovendo um intercâmbio pelo qual Ele se humaniza, mantendo, contudo,

¹¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997. n. 22 (GS).

¹² CATECISMO da Igreja Católica. 5. ed. Brasília: CNBB, 2023. n. 432 (CEC).

¹³ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia***. São Paulo: Paulinas, 2003. n. 55 (EE).

¹⁴ CEC, n. 457-460.

¹⁵ Jo 14,6.

¹⁶ SANTO IRINEU. **I, II, III, IV, V Livros**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 336.

¹⁷ LAMELAS, Isidoro P. **A Salvação como divinização na Patrística Grega**. Fátima: Congresso Internacional de Fátima, 2002. Disponível em: < https://www.academia.edu/6552082/A_salva%C3%A7%C3%A3o_como_diviniza%C3%A7%C3%A3o_na_Part%C3%ADstica_grega>. Acesso em: 29 fev. 2024.

sua divindade, realidade essa explicitada na oração sobre as oferendas da missa da noite do Natal do Senhor: “por este admirável intercâmbio, dai-nos participar da divindade do vosso Filho que elevou à comunhão convosco a nossa humanidade”.¹⁸ Esse processo possibilita que a criatura assuma e participe da vida divina, sendo divinizada, enquanto preserva sua essência criatural. Sob essa perspectiva, a Encarnação se revela como uma necessidade inerente ao desígnio divino, desvinculada da presença do pecado, pois mesmo que o pecado original não existisse, ainda assim a Encarnação aconteceria a fim de aperfeiçoar o ser humano.

1.2 A DOCTRINA DA DIVINIZAÇÃO

A filosofia religiosa do mundo helenizado propagava a doutrina de Platão da assimilação ao divino. Os Padres gregos, diante disso, aproveitaram tais teorias e aspirações, para ilustrar o tema bíblico da criação do ser humano como imagem e semelhança de Deus.¹⁹ Por isso, no decorrer da história cristã termos como divinização, deificação, theosis, foram usados com diversos significados. No entanto, o sentido fundamental dessas expressões foi sempre o mesmo: trata-se da “participação do ser humano na vida divina”^{20,21} Tal participação na vida divina não se trata de um endeusamento substancial do ser humano, isto é, no ser humano não há nenhuma mudança ontológica ou substancial, pois ele continua na sua condição de criatura, não assume a natureza da divindade. No entanto, torna-se participante, por graça, da vida do próprio Deus-Trindade. “É um dom de Deus que se aproxima da criatura para associá-la a si”.²²

Ao longo da história da teologia, diversas tradições cristãs, particularmente a tradição cristã oriental, abraçaram e desenvolveram essa perspectiva, destacando o mistério da Encarnação como fonte e caminho pelo qual a humanidade pode alcançar essa união transformadora com Deus. Neste contexto, a doutrina da divinização não apenas ilustra a visão de redenção, mas também oferece uma lente única para compreender a relação entre Deus e o ser humano na teologia.

1.2.1 A divinização do ser humano na Sagrada Escritura²³

¹⁸ MISSAL Romano. 3. ed. Brasília: CNBB, 2023. p. 128 (MR).

¹⁹ BINGEMER, Maria Clara L; FELLER, Vitor Galdino. **Deus-amor**: a graça que habita em nós. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2003. p. 88.

²⁰ 2Pd 1,4.

²¹ VIVEIROS, 2017. p. 23.

²² BINGEMER; FELLER, 2003. p. 89.

²³ VIVEIROS, 2017, p. 29-31: neste subtítulo seguiremos de perto as referências bíblicas feitas por esta autora.

O termo divinização não é encontrado na Sagrada Escritura. No entanto é possível encontrar termos que conduzem a este conceito. A fundamentação bíblica para o conceito, à primeira vista, parece pouco sólida, porém, ao observar mais atentamente, o fundamento bíblico é mais profundo do que parece. Para tanto, é preciso considerar os textos concernentes ao ser humano, imagem de Deus, à filiação divina, à imitação de Deus e de Cristo, bem como aqueles textos que apresentam a nova vida recebida no Batismo como penhor e antecipação da glória futura.²⁴

No início do Antigo Testamento nos deparamos com a declaração de que tudo foi criado conforme a diversidade das espécies.²⁵ Entretanto, o ser humano é descrito como criado à imagem e semelhança de Deus,²⁶ estabelecendo assim que ele possui, desde a sua criação, uma relação singular com seu Criador. Nesse contexto, o salmista entoa que "somos deuses",²⁷ não por natureza, mas por participação, através da graça. Esse entendimento remete ao tema da filiação, que será elaborado no Novo Testamento, embora suas nuances já sejam perceptíveis no Antigo Testamento, que proclama que somos filhos do Senhor, nosso Deus.²⁸

No contexto do Novo Testamento, nos deparamos com diversos temas que delineiam o processo de deificação. Em João 3,3-7, Jesus explicita a Nicodemos a necessidade de um "nascimento de novo" através do Espírito, que resulta na geração de uma nova criatura. João, em sua primeira carta, reforça que nascemos de Deus para nos tornarmos filhos de Deus.²⁹ Essa realidade sinaliza o início de uma forma de existência renovada, que se desvela na vida presente, mas atingirá sua plena manifestação na visão plena de Deus na eternidade³⁰ e na participação em sua incorruptível imortalidade.³¹ A transformação para essa nova vida ocorre quando o batizado é inserido na vida de Jesus, abandonando o antigo modo de viver para nascer para uma vida nova no Espírito.³² Fomos destinados a participar da natureza divina,³³ é por isso que São Paulo afirma que somos da descendência de Deus, da sua raça, pois "nele vivemos, nos movemos e existimos".³⁴

²⁴ DICIONÁRIO Patrístico e de antiguidades cristãs. Trad. Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 418.

²⁵ Gn 1,11.21.24.

²⁶ Gn 1,26-27

²⁷ Sl 82,6.

²⁸ Dt 14,1.

²⁹ 1Jo 3,1.

³⁰ 1Cor 13,12; 1Jo 3,2.

³¹ 1Cor 15,52-53.

³² 2Cor 5,17.

³³ 2Pd 1,4.

³⁴ At 17,28-29.

Outros temas do Novo Testamento reforçam a ideia da divinização, como a filiação³⁵ e a imitação de Cristo.³⁶ Essa abordagem envolve se conformar à vida filial do Filho, vivendo de acordo com o exemplo de Jesus e tomando decisões em conformidade com o estilo de vida por ele demonstrado em sua condição de Filho, culminando nas últimas consequências, como a morte na cruz.³⁷ Desse modo, ser filho implica ser obediente ao Pai, refletindo verdadeiramente nossa condição humana conforme a criação³⁸ e a escolha em Cristo para a santidade.³⁹

A santidade, condição exclusiva de Deus, é um chamado divino para seu povo ser santo à semelhança dele.⁴⁰ Jesus, reconhecido como o "santo de Deus"⁴¹ e o "santo servo" de Deus⁴², dirige suas preces ao Pai, que é santo.⁴³ Contudo, a santidade humana não é automática; ela demanda uma dinâmica ao longo de toda a vida, deixando-nos transformar, pelo Espírito, na imagem perfeita de Deus, em Cristo.⁴⁴ Assim, mediante a renovação da mentalidade e do espírito,⁴⁵ somos instados a viver o processo de conformação a Cristo em nossa jornada espiritual, guiados pelo Espírito.⁴⁶ Nesse contexto, compreende-se que a santidade está intrinsecamente ligada à salvação, pois ser santo é ser salvo.

No pensamento cristão, cada um desses temas será desenvolvido de maneira específica, constituindo os alicerces da doutrina que posteriormente, com os Padres da Igreja, especialmente os gregos, será denominada *theosis* (divinização, deificação). Embora o termo em si não seja explicitamente empregado na linguagem bíblica, ele encontra uma base sólida na Sagrada Escritura, refletindo o caráter singular das promessas e ofertas divinas dirigidas ao ser humano.

1.2.2 A divinização do ser humano nos Padres da Igreja

No desenvolvimento da doutrina no seio da Igreja, o tema da divinização encontra um lugar essencial, sobretudo, na teologia dos Padres gregos e, concomitantemente, esclarece a

³⁵ Rm 8,14-17; Gl 3,26; 4,4-7.

³⁶ Mt 5,44-48.

³⁷ Fl 2,6-8; Lc 23,46.

³⁸ Ef 1,5.

³⁹ Ef 1,4.

⁴⁰ Lv 19,1.

⁴¹ Mc 1,24.

⁴² At 4,27.

⁴³ Jo 17,11.

⁴⁴ 2Cor 3,18.

⁴⁵ Rm 12,2; Ef 4,23.

⁴⁶ Rm 8,29; 1Cor 2,16; Fl 2,15.

concepção de ser humano própria do Oriente cristão.⁴⁷ Vale ressaltar que os princípios antropológicos variam de acordo com cada um dos Santos Padres que desenvolvem o tema, pois nem todos valorizam de igual maneira a intimidade de Adão com Deus e, conseqüentemente, os nefastos efeitos do pecado, por exemplo.⁴⁸

Primeiramente, os Padres apostólicos, nos séculos I e II, não citam diretamente o termo divinização. No entanto a sua compreensão já está presente. Para estes Santos Padres, a doutrina da graça na qual se desenvolve o tema da divinização, mesmo que ainda não possua esse nome, caracteriza-se especialmente pela centralidade da obra que o Espírito Santo realiza no ser humano divinizando-o.⁴⁹ Dentre esses primeiros Padres a desenvolver este pensamento, destacam-se Santo Inácio de Antioquia († 107) e São Justino († 165).

Os termos usados por Santo Inácio de Antioquia em seus escritos que mais se coadunam com a compreensão de divinização são aqueles que ele utiliza nas cartas escritas aos seus fiéis da Igreja de Antioquia, dizendo-lhes que eles são “portadores de Deus, “portadores do Cristo”, “participantes de Deus”. Deste modo, ele retoma a teologia paulina que afirmava que somos da “raça de Deus”⁵⁰. Desenvolve-se no seu pensamento a compreensão da união imediata com Cristo e, por ele, com o Pai e o Espírito Santo. Logo, para ele não se trata de uma simples união moral, por imitação, mas uma união do próprio ser, expressado nas diversas vezes em que nos seus textos se lê a afirmação do apóstolo Paulo: “já não sou eu que vivo, é Cristo quem vive em mim”^{51, 52}.

Inácio de Antioquia centra sua doutrina na união com Cristo. Sua mística é mais eucarística e martirial que batismal. A eucaristia é medicina de imortalidade, antídoto para não morrer, mas para viver para sempre em Cristo, como teóforos, cristóforos e pneumatóforos, isto é, portadores de Deus, de Cristo e do Espírito Santo, respectivamente.⁵³

Já em São Justino, o tema da divinização está implícito em temas como a “imitação de Deus”, a “participação nas qualidades divinas” e a “filiação”. No seu comentário ao Salmo 81, São Justino evidencia que o ser humano, tornado semelhante a Deus, justamente por tal

⁴⁷ VIVEIROS, 2017, p. 32.

⁴⁸ DICIONÁRIO Patrístico e de antiguidades cristãs, 2002, p. 418.

⁴⁹ VIVEIROS, 2017, p. 32-33.

⁵⁰ At 17,28s.

⁵¹ Gl 2,20.

⁵² VIVEIROS, 2017, p. 33.

⁵³ BINGEMER; FELLER, 2003. p. 89.

semelhança é impassível e imortal como ele, conseqüentemente considerado digno de ser chamado filho de Deus.⁵⁴

Os Padres gregos, por sua vez, desenvolvem mais amplamente o pensamento acerca desta realidade, apontando elementos concretos da vida cristã nos quais se dá esse processo. Em todos esses, é clara a visão de que o ser humano deve ser divinizado, isto é, deve assemelhar-se cada vez mais à imagem de Cristo, a fim de que a imagem e semelhança seja restaurada.⁵⁵ Eles seguem, de modo geral, o seguinte esquema: a criação do ser humano à imagem e semelhança de Deus, a perda da imagem pelo pecado original, a sua restauração por meio da Encarnação e redenção.⁵⁶

Fundamentados mais na Encarnação do que na redenção, os Padres gregos entendem que a salvação humana acontece já na Encarnação e, por extensão - embora isso seja menos refletido -, também na criação. Pois a Encarnação nada mais seria do que uma continuação da criação. O Verbo teria criado o mundo para nele se encarnar. Tendo-se, pois, encarnado em nossa condição humana e mortal, divinizou o ser humano. Trata-se do assim chamado "sagrado comércio".⁵⁷

Santo Irineu († 200), em resposta ao gnosticismo, elaborou uma primeira síntese cristã sobre a divinização do ser humano. Integrou elementos do gnosticismo em seu desenvolvimento sobre a história da Encarnação salvífica do Verbo, fazendo ver como Deus, em sua infinita bondade, manifestada na pessoa do Filho e na força do Espírito Santo, reconduz o ser humano por completo à união na imortalidade, isto é, a cumprir a sua vocação mais sublime de assemelhar-se ao Deus imortal, apesar da corrupção do pecado.⁵⁸

Para Santo Irineu, há uma distinção entre imagem e semelhança. Para ele a imagem é o ser natural do ser humano, que é corpo e alma; a imagem, deste modo, nunca é perdida. A semelhança, pelo contrário, foi destruída pelo pecado, porém é devolvida ao ser humano pelo Verbo encarnado e pelo Espírito Santo⁵⁹. Ao se referir à Encarnação do Verbo, Santo Irineu trata-a como fonte de salvação eterna para todos os seres humanos, entregues ao poder do pecado e da morte. A Encarnação é a condição para a adoção divina, para que o ser humano recupere a semelhança com Deus, a regeneração pelo Espírito, isto é, para a sua divinização.⁶⁰

⁵⁴ VIVEIROS, 2017, p. 33.

⁵⁵ VELIQ, Fabrício. **A epiclese enquanto espelho da Theosis**: uma abordagem possível na Teologia Oriental. Revista do Instituto de Ciências Humanas, Belo Horizonte, vol. 15, n. 22, p. 100, 2019.

⁵⁶ BINGEMER; FELLER, 2003. p. 89.

⁵⁷ BINGEMER; FELLER, 2003. p. 125-126.

⁵⁸ DICIONÁRIO Patrístico e de antiguidades cristãs, 2002, p. 419.

⁵⁹ SANTO IRINEU, 1995, p. 329.

⁶⁰ BINGEMER; FELLER, 2003. p. 89-90.

Sendo impossível ao homem, vencido e decaído pela desobediência, reformar-se e conquistar a palma da vitória, e, por outro lado, por estar em poder do pecado, obter a salvação, o Filho, Verbo de Deus, operou ambas as coisas: ele, que era o Verbo de Deus, desceu de junto do Pai, encarnou-se, rebaixou-se até a morte e assim atuou perfeitamente a economia da nossa salvação.⁶¹

Para ele, a divinização é participação contínua na incorruptibilidade divina, efeito direto da recapitulação aberta pela Encarnação do Verbo, pois, reforçando o que já fora citado, “esta é a razão pela qual o Verbo se fez homem, e o Filho de Deus, Filho do homem: é para que o ser humano, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo, assim, a filiação divina, se torne Deus”⁶². Ele insiste de modo recorrente na ideia de que o ser humano foi criado à imagem e semelhança do Verbo encarnado, é por isso que destaca a necessidade de um crescimento espiritual que todo o batizado é impulsionado a alcançar.⁶³ Neste sentido, ao citar o Salmo 82,6s, ele explica que nós não fomos feitos deuses desde o começo, mas primeiramente homens e somente em seguida deuses.⁶⁴

Por fim, segundo Santo Irineu, a razão pela qual o Verbo se encarnou é para que toda a humanidade seja por Ele recapitulada, restituindo a ela a sua imagem e semelhança com Deus. Para isso, apesar de centrar a doutrina da divinização no mistério da Encarnação, sublinha que é pelo dom do Espírito Santo que o batizado recebe a semelhança com Deus.⁶⁵

Agora recebemos uma parte de seu Espírito para nos predispor e preparar à incorruptibilidade, acostumando-nos paulatinamente a compreender e a trazer Deus. É isto que o Apóstolo chama penhor, isto é, parte daquela glória prometida por Deus. [...] Se este penhor, envolvendo o homem em si, já lhe faz dizer: “Abba, Pai!” o que não fará toda a graça do Espírito que Deus dará aos homens? Ela nos tornará semelhantes a ele e cumprirá a vontade do Pai, pois, fará o homem à imagem e semelhança de Deus.⁶⁶

Santo Atanásio († 373), o grande defensor da fé nicena, conseguiu resumir a grande herança de Santo Irineu a uma simplicidade impressionante, afirmando que a Encarnação do Verbo restaurou por completo a semelhança primordial do ser humano com Deus sob o duplo plano: primeiro, o da incorruptibilidade do corpo, e o outro, impossível sem o primeiro, da gnose.⁶⁷

⁶¹ SANTO IRINEU, 1995, p. 329.

⁶² SANTO IRINEU, 1995, p. 336.

⁶³ VIVEIROS, 2017, p. 33-34.

⁶⁴ SANTO IRINEU, 1995, p. 336.

⁶⁵ VIVEIROS, 2017, p. 34.

⁶⁶ SANTO IRINEU, 1995, p. 535.

⁶⁷ DICIONÁRIO Patrístico e de antiguidades cristãs, 2002, p. 419.

Ele entende que a imagem é a marca divina impressa na inteligência humana, que, ofuscada pelo pecado, volta ao seu esplendor pela redenção. A imagem é, portanto, o espírito concreto, inteligente e livre, *capax Dei*. A semelhança, para ele, é uma assimilação superior, sobrenatural e específica das propriedades reservadas ao próprio Deus. Existe em virtude do esforço humano para assemelhar-se a Ele, no entanto é um esforço que só se torna possível mediante a iniciativa e a ação de Deus que, pela Encarnação do Verbo, realiza a divinização do ser humano pela fé e pelos sacramentos. Ao tratar da Encarnação do Verbo, Santo Atanásio desenvolve sua reflexão a partir da concepção de que o Verbo se encarnou a fim de restaurar a obra da criação comprometida pelo pecado. Encarnado, o Verbo torna o conhecimento de Deus sensível e acessível ao ser humano, pois Ele mesmo imerso no mundo sensível, vence a morte e recupera sua primazia natural sobre o ser humano. Participando dele por meio da graça, tornamo-nos, por adoção, filhos no Filho.⁶⁸

É flagrante a primazia do Verbo de Deus que veio ao mundo para restituir ao ser humano a sua condição originária de incorruptibilidade, de conhecimento de Deus, de sua imagem, enfim, turbada pela queda humana, e o Verbo encarna-se com função restauradora. De fato, toda essa grande obra de restauração só se tornou possível graças à Encarnação. Através da sua imagem, ao mesmo tempo voltada para o Pai na sua divindade e para o homem na sua humanidade, o Verbo exerce a mediação perfeita entre o Pai e a humanidade e toda a criação. Ele se manifestou no corpo para transformar o homem, o próprio mundo, a partir de dentro.⁶⁹

Santo Atanásio considera que o Verbo, imagem perfeita do Pai, por meio do qual o Pai criara o ser humano, agora recria a humanidade restaurando nela a imagem autêntica que fora perdida na queda. Por isso, afirmou que “o Verbo de Deus veio ele próprio, a fim de que sendo a Imagem do Pai, possa recriar o homem segundo a imagem”⁷⁰, ou seja, somente a verdadeira Imagem poderia refazer a imagem enfraquecida no ser humano. Deste modo, o Verbo é verdadeiro Deus e, assumindo a nossa carne, é também verdadeiro homem, por essa razão é que se torna possível a divinização do ser humano, pois o Verbo assumiu a carne de modo total.⁷¹ Para ele,

a divinização do ser humano dá-se pela adoção. Atanásio fala de uma verbificação, isto é, uma transformação humana no Verbo, uma inabituação do

⁶⁸ BINGEMER; FELLER, 2003. p. 89.

⁶⁹ CÂNDIDO, Edinei da Rosa. A Encarnação do Verbo e a verbificação do ser humano: o acento antropológico de Atanásio de Alexandria. **Cadernos Patrísticos: textos e estudos**, Florianópolis, ano 2, n. 6, 2008. p. 31.

⁷⁰ SANTO ATANÁSIO, 2002, p. 143.

⁷¹ VIVEIROS, 2017, p. 36.

Verbo no homem, dando-lhe acesso à incorruptibilidade e conhecimento. Em resumo, na Encarnação está toda a possibilidade da salvação do ser humano.⁷²

Por fim, assim como Santo Irineu, Santo Atanásio também sublinha o papel que o Espírito Santo tem na obra da adoção, isto é, a obra de união do ser humano com Deus que é a *participação no Verbo, pelo Espírito Santo*, ampliando assim a compreensão da dogmática trinitária desenvolvida no seu tempo.⁷³

Já no ocidente cristão, o papa São Leão Magno († 461) é um dos Santos Padres pós-nicenos que desenvolve a doutrina da divinização. Dentro da controvérsia cristológica de seu tempo, quando, no Concílio de Calcedônia (451), a heresia de Eutiques que negava a verdadeira natureza humana do Filho de Deus é rejeitada, o Papa Leão Magno foi o grande responsável pelo esclarecimento da questão: afirmou a união na única Pessoa do Verbo, sem confusão e sem separação, das duas naturezas humana e divina.⁷⁴

Numa natureza perfeita e integral de verdadeiro homem, nasceu o verdadeiro Deus, perfeito na sua divindade, perfeito na nossa humanidade. Por “nossa humanidade” queremos significar a natureza que o Criador desde o início formou em nós, e que assumiu para renová-la. [...] Aquele que é verdadeiro Deus, é também verdadeiro homem; e nesta unidade nada há de falso, porque nele é perfeita respectivamente tanto a humanidade do homem como a grandeza de Deus.⁷⁵

São Leão Magno, com isso, enfatiza que a divinização do ser humano se dá justamente pela união do ser humano com o Verbo feito carne por meio do Batismo, pois “o mesmo Espírito que veio sobre a Virgem vem agora à fonte batismal”⁷⁶ para nos tornar templos do Espírito Santo. É por isso que num dos seus sermões de Natal, o santo conclui o sermão exortando os fiéis sobre a sua participação na natureza divina, isto é, sua divinização:

Toma consciência, ó cristão, da tua dignidade. E já que **participas da natureza divina**, não voltes aos erros de antes por um comportamento indigno de tua condição. Lembra-te de que cabeça e de corpo és membro. Recorda-te que foste arrancado do poder das trevas e levado para a luz e o reino de Deus.⁷⁷

⁷² CÂNDIDO, 2008, p. 15.

⁷³ VIVEIROS, 2017, p. 36.

⁷⁴ BENTO XVI. **Audiência Geral**: 05 de março de 2008. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080305.html>. Acesso em: 16 abr. 2024.

⁷⁵ LH, Vol. 2. p. 1506s.

⁷⁶ LEÃO MAGNO. **Sermões**. São Paulo: Paulus, 1996. p. 53.

⁷⁷ LH, Vol. 1. p. 363 [grifo nosso].

Como participantes da natureza divina, cujo fundamento, em concordância com os Santos Padres orientais, está na Encarnação, o cristão é chamado a trilhar um caminho de divinização, configurando-se moral e ontologicamente ao Verbo feito homem, convite expressado na seguinte exortação: “não expulses com más ações tão grande hóspede, não recaias sob o jugo do demônio, porque o preço de tua salvação é o sangue de Cristo”.⁷⁸

1.3 A DIMENSÃO PNEUMATOLÓGICA DA DIVINIZAÇÃO

A obra da divinização é essencialmente uma obra trinitária: é o Pai quem nos diviniza no seu Filho pelo Espírito Santo. Por isso, é impossível tratar da divinização humana sem explicitar a dimensão pneumatológica desta obra da graça na vida daqueles que foram regenerados nas águas do Batismo. Ao professar a fé do Credo Niceno-Constantinopolitano dizemos que o Espírito Santo é Senhor, vivificante, criador e salvador juntamente com o Pai e o Filho. Por isso podemos dizer que quem vivifica, isto é, diviniza o ser humano é o Espírito Santo. Segundo o teólogo russo Paul Evdokimov, “se o Cristo recapitula e integra a humanidade na unidade de seu corpo, o Espírito Santo se reporta às pessoas e as faz florescer na plenitude carismática dos dons, segundo o modo único, pessoal para cada uma delas”.⁷⁹

O Espírito Santo é a fonte e o doador de toda santidade.⁸⁰ É por isso que a liturgia oriental reserva a Ele o atributo *Panagion*, isto é, *Todo-Santo*, pois sua santidade não se trata tanto de uma apropriação (cada Pessoa divina é santa), quanto de sua própria natureza, sempre comum às três Pessoas divinas: o Espírito Santo é a santidade mesma de Deus, é a santidade personificada, é a santidade em pessoa.⁸¹

O que o Espírito é eternamente, no seio da Trindade, o é também no seio da humanidade em geral e nas pessoas em particular. Ele é por excelência o *Dom* dado aos homens, o primeiro Dom dos crentes: o Dom santificante, vivificante, divinizante. Ele é realmente o *Dom*, segundo a palavra de Jesus: “se vós... sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem” (Lc 11,13). A recusa contradiria a natureza do próprio Doador. Ele é o Doador do amor em nós, fazendo-nos participantes da circulação do amor trinitário. Essa qualidade do Espírito condiciona a oração da Igreja, que é o apelo da sua vinda, a epiclese. É porque ele é Doador e Dom que essa súplica-epiclese é sempre escutada.⁸²

⁷⁸ LH, Vol. 1, p. 603.

⁷⁹ EVDOKIMOV, Paul. *L’Orthodoxie*. Trad. Rosana Araujo Viveiros. Paris: Declée de Brouwer, 1959. p. 145.

⁸⁰ CEC, n. 749.

⁸¹ Koubetch, Volodemer. **Espírito e Deificação**. Disponível em: <<https://metropolia.org.br/wpcontent/uploads/2015/03/3.6.16-Espiritualidade-Evdokimov.pdf>> Acesso em: 14 mar. 2024. p. 5.

⁸² Koubetch, p. 5.

A finalidade da missão do Espírito Santo, portanto, é nos colocar em comunhão com Cristo para formar seu corpo⁸³, isto é, para gerar Cristo em nós, não restaurando de uma só vez a semelhança perdida, o que tornaria estático o processo de divinização, mas assemelhando-nos progressivamente à imagem do Verbo, tornando a divinização um processo dinâmico.⁸⁴ Tal missão não se dá exteriormente, pois a partir do evento do Pentecostes, o Espírito Santo se manifestou numa presença nova, verdadeiramente interior, íntima e inabitante no coração dos fiéis.⁸⁵ É por isso que se pode, então, afirmar que a efusão do Espírito Santo faz de todo o fiel um ser carismático, penetrado em todo o seu ser pelos dons do mesmo Espírito.⁸⁶

Assim, é pela ação do Espírito Santo que acontece o processo de divinização do ser humano, pois é o próprio Cristo quem nos dá o seu Espírito⁸⁷ e é o Espírito quem nos conduz a Cristo, realizando a santificação do ser humano. Na economia da salvação, a fonte e o doador da energia divina da Trindade é justamente o Espírito Santo, em sentido de que toda a energia vem do Pai e é dada ao Filho no Espírito Santo. Ele, o Espírito Santo, procede como amor, como o primeiro e definitivo dom: nesta extraordinária abertura de Deus a nós, o Espírito é o primeiro a suscitar em nossos corações o acolhimento de adoração e a fé obediente ao dom que vem do alto.⁸⁸ Deste modo, é possível afirmar

que o Espírito tudo preenche, que toda a alma é vivificada por ele, que ele é simultaneamente o sopro do amor trinitário e do nosso amor para Deus e para os irmãos. Em última análise, toda a vida cristã é uma vida no Espírito, que respira da sua eterna juventude.⁸⁹

O Verbo se tornou portador da nossa carne para que nós nos tornássemos portadores do Espírito Santo⁹⁰, pois a alma humana só poderia se tornar pneumatófora⁹¹ por graça de Deus, jamais por suas próprias capacidades. O Espírito Santo é o operador desta obra da divinização no ser humano, pois é missão sua nos divinizar. Por isso, para que o ser humano seja cristificado a invocação permanente do Espírito Santo sobre ele, isto é, a epiclese, faz-se necessária. É em função disso que nos sacramentos da Igreja há sempre essa invocação, sem a qual não

⁸³ CEC, n. 1108.

⁸⁴ VELIQ, 2019, p. 100.

⁸⁵ KOUBETCH, p. 6.

⁸⁶ VIVEIROS, 2017, p. 119.

⁸⁷ Jo 20,22.

⁸⁸ KOUBETCH, p. 6.

⁸⁹ KOUBETCH, p. 6.

⁹⁰ SANTO ATANÁSIO, 2002, p. 132-133.

⁹¹ Portadora do Espírito Santo.

progrediríamos na nossa pneumatização, em outras palavras, sem a qual jamais poderíamos ressuscitar.⁹²

Com a pneumatização, na Páscoa e no Pentecostes, o homem é orientado em direção da sua plenitude, enquanto nova criatura, “homem novo”. É o caminho da *theosis*, da transfiguração, processo progressiva e simultaneamente físico-psíquico-espiritual, porque toca todo o homem, e não somente uma das suas dimensões. A *pneumatização* do ser humano mediante a ação trinitária é o último grau da comunhão entre Deus uno e trino e o homem, ‘a conversão da alma a Deus’, se bem que é sempre uma conversão em energia e não em essência. A união na *theosis* não é nem hipostática, caso único das duas naturezas em Cristo; nem substancial, caso das Três Pessoas na única natureza de Deus; mas energética, sem que a essência humana se torne por isso a essência de Deus.⁹³

O desenvolvimento da teologia oriental apresenta o Espírito Santo como sendo o principal e real autor da nossa santificação. Ele nos dá a vida, ilumina, perdoa nossos pecados, purifica o nosso corpo, concede aos santos mártires a fortaleza e a fidelidade à fé, enfim, ele nos concede todos os dons e todas as virtudes, bem como a capacidade de observar os mandamentos.⁹⁴ Isso faz com que o ser humano, impregnado pelo Espírito Santo, seja chamado a viver a vida de Cristo, isto é, deixar-se transformar inteiramente, de corpo e alma, pois

Quando o Espírito se une à alma e ao corpo, agora temos o homem espiritual, o homem perfeito, o homem à imagem e semelhança de Deus. Se, pelo contrário, à alma faltasse o Espírito, teríamos um homem carnal e imperfeito. Enquanto ser criado, este homem seria a imagem de Deus, não porém semelhante a ele. A semelhança é dada somente pelo Espírito Santo.⁹⁵

Na profecia de Joel⁹⁶, a qual desenvolve a teologia do derramamento universal do Espírito Santo, encontramos o mesmo Espírito Santo agindo na história no processo de divinização da carne. Assim, Paul Evdokimov destaca que

no momento da criação do mundo, o Espírito se movia sobre as águas, “preparava” o abismo do qual jorraria o mundo em vista de tornar-se a Igreja-Corpo do Cristo. Todo o AT, no qual o “Espírito fala pelos profetas”, pode ser compreendido como o Pentecostes preliminar, que prepara o evento da Virgem: a Natividade. O Espírito desce sobre a Virgem Maria, santifica-a, fazendo dela lugar três vezes santo e, em seguida, é o nascimento de Jesus, a Encarnação. No dia da Epifania, ele desce sobre Jesus e o faz Cristo-Ungido.

⁹² KOUBETCH, p. 7.

⁹³ KOUBETCH, p. 8.

⁹⁴ KOUBETCH, p. 1

⁹⁵ KOUBETCH, p. 2.

⁹⁶ Jl 3,1-5.

No dia de Pentecostes, é das línguas de fogo do Espírito que nasce a Igreja, o Corpo do Cristo. E todo ato sacramental é operado pela ação do Espírito Santo, que de um batizado faz um membro do Cristo, e do vinho e do pão faz a carne e o sangue do Cristo.⁹⁷

É o mesmo Espírito Santo que em nós clama “Abba, Pai”⁹⁸ e só por ele e nele que podemos dizer que “Jesus Cristo é Senhor”⁹⁹. O papel mais fundamental do Espírito Santo na vida dos fiéis é a santificação, é por isso que de modo insistente reafirmamos que é por sua ação em nós que acontece o processo de divinização, pois o Espírito Santo nos insere de tal modo na vida de Cristo que nos faz seguir seus passos e sermos outro Cristo, a tal ponto que, como São Paulo, podemos afirmar: “já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”.¹⁰⁰ Ele é em nós a fim de que nós sejamos em Cristo, isto é, filhos no Filho, agradáveis ao Pai.¹⁰¹

⁹⁷ EVDOKIMOV. In: VIVEIROS, 2017, p. 119-120.

⁹⁸ Gl 4,6.

⁹⁹ 1Cor 12,3.

¹⁰⁰ Gl 2,20.

¹⁰¹ VIVEIROS, 2017, p. 120.

2 EUCHARISTIA

No presente capítulo, com o objetivo de analisar o sacramento da Eucaristia e sua celebração como participação na vida de Cristo em vistas à divinização, desenvolvemos primeiramente a compreensão da Eucaristia para o ocidente cristão, destacando as dimensões essenciais deste sacramento. Num segundo momento, tendo como base as duas mesas que constituem a celebração litúrgica da Igreja, isto é, a da Palavra e a da Eucaristia, procuramos relacionar a celebração eucarística com a doutrina da divinização, analisando nela os elementos que nos ritos e preces da Igreja se suplica o dom da divinização para os batizados. Por fim, como ponto alto deste capítulo, tratamos da Eucaristia como caminho de divinização para o ser humano que, peregrino neste mundo, foi mergulhado nas águas do Batismo e daí recebeu a vocação de configurar sua vida à vida de Cristo.

2.1 À MESA COM O SENHOR

A Igreja, como recordou o Papa João Paulo II na Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, vive da Eucaristia.¹⁰² É, portanto, impossível compreender a Igreja sem a Eucaristia, isto é, o sacrifício do Senhor, ação de graças, memorial da sua Páscoa e presença viva e real nas espécies do pão e do vinho consagrados.¹⁰³ “A fé da Igreja é essencialmente fé eucarística e alimenta-se, de modo particular, à mesa da Eucaristia”,¹⁰⁴ isto é, à mesa do Senhor. É por isso que o Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, afirma que a Eucaristia “é fonte e ápice da vida cristã”.¹⁰⁵ Ela contém todo o bem espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa. De tal modo, tudo o que há na Igreja liga-se à Eucaristia e a ela se ordena.¹⁰⁶

Do mistério pascal nasce a Igreja. Por isso mesmo **a eucaristia, que é o sacramento por excelência do mistério pascal, está colocada no centro da vida eclesial**. Isto é visível desde as primeiras imagens da Igreja que nos dão os Atos dos Apóstolos: “eram assíduos ao ensino dos apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações” (2,42). Na “fração do pão” é evocada a

¹⁰² EE, n. 1.

¹⁰³ CEC, n. 1356-1381.

¹⁰⁴ BENTO XVI. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis***. São Paulo: Paulinas, 2007. n. 6. (SCa)

¹⁰⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997. n. 11 (LG).

¹⁰⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. In: COSTA, Lourenço (Org). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997. n. 5 (PO).

eucaristia. Dois mil anos depois, continuamos a realizar aquela imagem primordial da Igreja.¹⁰⁷

“No contexto bíblico, a comunidade de mesa é um sinal privilegiado de amizade entre convivas, pois dividir o mesmo pão é dividir o mesmo amor”.¹⁰⁸ É por isso que o Senhor Jesus nos chama a tomar parte no seu banquete pascal de salvação, chama-nos a sentar com Ele à sua mesa. A Eucaristia, portanto, perpetua de modo inefável e perfeito o amor do Senhor por nós, pois neste sacramento o amor de Deus continua a ser encarnado, a permanecer conosco em sua substância corporal, oculto sob as espécies do pão e do vinho.¹⁰⁹ O ato de estar à mesa, isto é, as refeições, na vida de Jesus, são momentos máximos de encontro e salvação, de comunhão e reconciliação. Para Ele tais refeições manifestam o amor de um Deus que quer encontrar os pecadores, perdoar-lhes, acolhê-los em sua aliança, fazê-los passar da morte à vida.¹¹⁰ O banquete eucarístico, que é o banquete pascal do Senhor, deste modo, recapitula todas as demais refeições e se torna sacramento de comunhão e redenção para todo o gênero humano.

Ao tomar parte no banquete eucarístico, de modo particular aos domingos, “o dia do Senhor”,¹¹¹ os batizados “revivem a experiência feita pelos apóstolos na tarde de Páscoa, quando, estando eles reunidos, o Ressuscitado lhes apareceu”¹¹² e revivem também a esperança do cumprimento da promessa do Senhor: “eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”.¹¹³ “A celebração dominical do dia e da Eucaristia do Senhor está no coração da vida da Igreja”,¹¹⁴ pois ela manifesta de maneira especial a própria comunhão eclesial, pois o domingo é a Páscoa semanal da Igreja, o “dia em que Cristo venceu a morte e nos fez participantes da sua vida imortal”.¹¹⁵

Na Eucaristia, Jesus não dá algo aleatório, mas dá-se a si mesmo, entrega seu corpo e derrama seu sangue, isto é, Ele nos oferece a totalidade da sua vida divina e dela nos faz participantes.¹¹⁶ À medida que os batizados participam ativa e conscientemente da celebração eucarística, cada vez mais a vida do próprio Cristo, pela ação do Espírito Santo nos corações dos fiéis, torna-se a vida daqueles que dele se alimentam.

¹⁰⁷ EE, n. 3 [grifo nosso].

¹⁰⁸ DEISS, Lucien. **A ceia do Senhor: eucaristia dos cristãos**. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 43.

¹⁰⁹ MERTON, Thomas. **O Pão Vivo**. Petrópolis: Vozes, 2023. p. 42.

¹¹⁰ SALAMOLARD, Michel. **A Eucaristia, onde tudo se transforma**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 119-120.

¹¹¹ JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Dies Domini***. São Paulo: Paulinas, 1998. n. 1 (DD).

¹¹² DD, n. 33.

¹¹³ Mt 28,20.

¹¹⁴ CEC, n. 2177.

¹¹⁵ MR, p. 541 (opção para os Domingos no bloco das intercessões pela Igreja).

¹¹⁶ SCa, n. 7.

Na Eucaristia, revela-se o desígnio de amor que guia toda a história da salvação. Nela, o Deus-Trindade, que em si mesmo é amor, envolve-se plenamente com a nossa condição humana. No pão e no vinho, sob cujas aparências Cristo se nos dá na ceia pascal, é toda a vida divina que nos alcança e se comunica a nós na forma do sacramento. É em Cristo morto e ressuscitado e na efusão do Espírito Santo, dado sem medida, que nos tornamos participantes da intimidade divina.¹¹⁷

Assim, a fim de assimilar melhor a compreensão da Igreja sobre tão sublime sacramento e como, por ele, se dá o processo de divinização nos batizados, é preciso olhar para algumas das diversas realidades que o mistério eucarístico abarca. Além de banquete pascal, no qual o Senhor nos faz participantes da sua vida divina, a Eucaristia é, primeiramente, sacrifício sacramental, como recorda o Papa Paulo VI na Carta Encíclica *Mysterium Fidei*, de 1965:

Convém recordar primeiramente aquilo que é, por assim dizer, a síntese e o ponto mais sublime desta doutrina: que no mistério eucarístico é representado de modo admirável o sacrifício da cruz, consumado uma vez para sempre no Calvário; e que nele se relembra perenemente a sua eficácia salutar na remissão dos pecados que todos os dias cometemos.¹¹⁸

Este é, portanto, um sacrifício de:

2.1.1 Ação de graças

A palavra Eucaristia é o aportuguesamento da expressão grega *Eucharistein*, que significa “ação de graças”, “dizer obrigado”. É justamente neste sentido que a bíblia grega usa o termo *Eucaristia*.¹¹⁹ Nos relatos da última ceia, presentes nos sinóticos e na Primeira Carta aos Coríntios,¹²⁰ o termo é utilizado de modo a manifestar que o Senhor, ao tomar o pão e o vinho, “deu graças”.¹²¹

A ação de graças não é um aspecto entre outros do mistério da Eucaristia: ela é verdadeiramente o seu centro. Sem ela, não existe missa. Aquele que preside dá graças “tanto quanto pode”: era assim que Justino caracterizava a missa pelos meados do século II. Sem dúvida, desde então, as rubricas canalizaram, entre as margens do Prefácio e a Prece eucarística, as ondas tumultuosas do louvor espontâneo. Mas o dinamismo da oração continua o mesmo. Desde que

¹¹⁷ SCa, n. 8.

¹¹⁸ PAULO VI. *Carta Encíclica Mysterium Fidei*. São Paulo: Paulinas, 2006. n. 27 (MF).

¹¹⁹ DEISS, 1977, p. 55.

¹²⁰ Mt 26,26s; Mc 14,22s; Lc 22,17.19; 1Cor 11,23. Vale ressaltar que em Mt e Mc o termo *eucharistein* (dar graças) é utilizado apenas para o vinho, enquanto para o pão eles utilizam o termo *eulogein* (bendizer, abençoar). Em Lc e 1Cor há apenas a expressão *eucharistein*, tanto para o pão quanto para o vinho.

¹²¹ BROUARD, Maurice (org.). *Eucharistia*: enciclopédia da Eucaristia. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2006. p. 551.

Cristo disse à sua Igreja: tomai, isto é o meu corpo, esse “tanto quanto pode” tornou-se infinito. Pois a Igreja recebeu agora o poder de ofertar não mais simplesmente o universo e o homem que nele se resume, mas Aquele que é em si mesmo “toda a honra e toda glória” para o Pai: Cristo Jesus.¹²²

A Eucaristia é, portanto, o sacrifício de ação de graças ao Pai, expressão eclesial de reconhecimento a Deus por todos os seus benefícios em favor da humanidade, realizados por meio da criação, da redenção e da santificação. Este sacrifício só é possível através de Cristo, pois é Ele que une os fiéis à sua pessoa, ao seu louvor, à sua intercessão, de modo que o sacrifício eucarístico de Cristo ao Pai é por Ele e com Ele oferecido para nele ser aceito.¹²³

2.1.2 Memorial

A Eucaristia é o memorial da Páscoa do Senhor, ela é a atualização e a oferta sacramental do mesmo e único sacrifício oferecido na cruz, de uma vez por todas, por meio da liturgia da Igreja.¹²⁴ A celebração da Eucaristia é, portanto, uma resposta ao mandato do próprio Senhor durante a última ceia: “fazei isto em minha memória”¹²⁵.

A expressão *memorial* (no grego: *anamnesis*) é uma palavra-chave da Eucaristia.¹²⁶

Anamnese designa uma coisa muito diferente da memória psicológica. Hoje se pensa que *anamnesis* significa reatualização e engajamento. No contexto bíblico, “lembrar-se” é tornar alguma coisa presente e atual. Para essa “memória”, o tempo não passa de modo linear: nele o futuro ainda não existe, o passado não existe mais, e o presente é um ponto fugidio que surge do futuro e é engolido pelo passado.¹²⁷

“Celebrar um evento como memorial é, pois, dizer – no sentido primeiro do termo, em que dizer é fazer – a atualidade deste evento como evento da história da salvação ou como ato de salvação”,¹²⁸ isto é, quando a Igreja celebra a Eucaristia, rememora a Páscoa do Senhor Jesus, e esta se torna realmente presente: o sacrifício oferecido na cruz, torna-se sempre atual,¹²⁹ como expressa a aclamação da assembleia durante a oração eucarística V, após as palavras da

¹²² DEISS, 1977. p. 74-75.

¹²³ CEC, n.1359-1361.

¹²⁴ CEC, n. 1362.

¹²⁵ Lc 22,19; 1Cor 11,24.

¹²⁶ JOHANNY, Raymond. **A Eucaristia, caminho de ressurreição**. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 134.

¹²⁷ BROUARD, 2006. p. 586.

¹²⁸ JOHANNY, 1977. p. 137.

¹²⁹ CEC, n. 1364.

consagração: “toda vez que comemos deste Pão, toda vez que bebemos deste Vinho, recordamos a paixão de Jesus Cristo e ficamos esperando sua vinda”.¹³⁰

A Eucaristia é, portanto, um sacrifício memorial da Páscoa de Cristo, cujos efeitos se tornam presentes no hoje da Igreja e da humanidade.

2.1.3 Presença real

Cristo permanece presente em sua Igreja de maneiras diversas: está presente por meio da Palavra proclamada, por meio da oração da Igreja, nos pobres e sofredores, nos enfermos e encarcerados, nos sacramentos dos quais Ele mesmo é o autor, no próprio sacrifício eucarístico no qual Ele se faz presente na pessoa do ministro e, sobretudo, faz-se “realmente” presente sob as espécies eucarísticas.¹³¹

Esta presença chama-se “real”, não por exclusão como se as outras não fossem “reais”, mas por antonomásia, porque é substancial, quer dizer, por ela está presente, de fato, Cristo completo, Deus e homem. Erro seria, portanto, explicar esta maneira de presença imaginando uma natureza “pneumática”, como lhe chamam, do Corpo de Cristo, natureza esta que estaria presente em toda parte; ou reduzindo a presença a puro simbolismo, como se tão augusto sacramento consistisse apenas em um sinal eficaz “da presença espiritual de Cristo e de sua íntima união com os fiéis, membros do corpo místico”.¹³²

O Concílio de Trento (1545-1563) fez questão, em resposta às negativas dos reformadores quando à presença real de Cristo sob as espécies eucarísticas, de reafirmar a convicção secular da Igreja na presença real: Cristo está presente verdadeiramente (não “in signo”), realmente (não “in figura”), substancialmente (não “in virtute”).¹³³ A Igreja sabe e crê que o pão e o vinho se tornaram, após as palavras pronunciadas pelo ministro, realmente o Corpo e Sangue do Senhor de um modo de ser sacramental.¹³⁴ Tal presença permanece, portanto, enquanto subsistem as espécies eucarísticas.¹³⁵

2.1.4 Penhor da glória futura

¹³⁰ MR, p. 566.

¹³¹ CEC, n. 1373.

¹³² MF, n. 41.

¹³³ ALDAZÁBAL, José. **A Eucaristia**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 203; DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Trad. José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas, 2007. n. 1636 (Decreto sobre o sacramento da Eucaristia na 13.ª Sessão do Concílio de Trento).

¹³⁴ BROUARD, 2006. p. 532.

¹³⁵ CEC, n. 1377.

Sendo a Eucaristia o sacrifício memorial da Páscoa do Senhor Jesus e sendo que, como nos recorda a oração eucarística I, ao recebermos o Corpo e o Sangue de Cristo somos “repletos de todas as graças a bênçãos do céu”¹³⁶, ela também é antecipação da glória futura.¹³⁷ “Na liturgia eucarística, nos é dado saborear antecipadamente a consumação escatológica para a qual todo homem e a criação inteira estão a caminho”.¹³⁸ Deste modo, a Eucaristia antecipa a realidade que está por vir, e não cessa de abrir sobre esta realidade e nos impulsionar para ela.¹³⁹

Esta presença (a presença de Cristo na Eucaristia) se torna o vir a ser do homem e do universo, no sentido em que ela realiza já, em si, aquilo a que o homem e o universo são chamados. A Eucaristia é, assim, o surgimento ou o nascimento, no hoje da humanidade do mundo a vir. Ela é esse tornar-se do mundo que paulatinamente se realiza na vida do homem. É, por excelência, a esperança que não engana, do mundo a vir. É o *escaton* em vias de realização. É uma realidade escatológica. Abre a vida do homem para o devir do Cristo, para vida do mundo futuro. Engaja o homem no futuro.¹⁴⁰

Em cada celebração eucarística, realiza-se de modo sacramental a unificação escatológica do povo de Deus. O banquete eucarístico é uma antecipação real do banquete final, prenunciado pelos profetas e descrito no Novo Testamento como as “núpcias do Cordeiro”¹⁴¹ que haveremos de celebrar na comunhão dos santos.¹⁴² É por isso que, a cada celebração, a Igreja não se cansa de suplicar ao Senhor a sua vinda, ela suspira por sua vinda, manifestando por meio de aclamações e súplicas: “vinde, Senhor Jesus!”¹⁴³, “enquanto aguardamos a feliz esperança e a vinda do nosso Salvador, Jesus Cristo”¹⁴⁴.

2.2 A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA E A DIVINIZAÇÃO

A celebração eucarística desenvolve-se de acordo com a estrutura fundamental que se conservou pelos séculos até nossos dias. A Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística

¹³⁶ MR, p. 533.

¹³⁷ CEC, n. 1402.

¹³⁸ SCa, n. 30.

¹³⁹ JOHANNY, 1977. p. 140.

¹⁴⁰ JOHANNY, 1977. p. 141.

¹⁴¹ Ap 19,7ss.

¹⁴² SCa, n. 31.

¹⁴³ MR, p. 531. Conforme a primeira fórmula de aclamação memorial: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. *Vinde, Senhor Jesus!*”

¹⁴⁴ MR, p. 570. Conforme o embolismo do Pai Nosso: “Livrai-nos de todos os males, ó Pai, e dai-nos hoje a vossa paz. Ajudados pela vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e protegidos de todos os perigos, *enquanto aguardamos a feliz esperança e a vinda do nosso Salvador, Jesus Cristo.*”

constituem juntas um só e mesmo ato de culto, pois a mesa que nos é preparada e oferecida na Eucaristia é, simultaneamente, a da Palavra de Deus e a do Corpo e do Sangue do Senhor.¹⁴⁵

Deste modo, a espiritualidade da Igreja é alimentada nestas duas mesas: em uma, instrui-se mais, na outra santifica-se mais plenamente; pois na Palavra de Deus se anuncia a aliança divina, e na Eucaristia se renova esta mesma aliança nova e eterna. Numa, recordamos a história da salvação com palavras; na outra, a mesma história se expressa por meio dos sinais sacramentais da liturgia.¹⁴⁶

O processo de divinização do ser humano, do qual a Eucaristia é caminho, faz-nos olhar com atenção para a celebração eucarística. Ela não é só sacramento em si, enxergando-a unilateralmente a ponto de cair numa coisificação do mistério, mas é também celebração, dinâmica litúrgico-sacramental, movimento de salvação que envolve por completo o ser humano que foi mergulhado nas águas do Batismo e que, por sua vocação batismal, é chamado a configurar-se a Cristo.

2.2.1 A Liturgia da Palavra

O Concílio Vaticano II, com a reforma litúrgica por ele promovida, procurou oferecer aos fiéis de maneira mais farta os tesouros da Sagrada Escritura.¹⁴⁷ Na Palavra de Deus proclamada na assembleia litúrgica, os fiéis se alimentam da primeira mesa que lhes é ofertada, pois nela Cristo está presente, uma vez que “é ele quem fala enquanto se leem na Igreja as santas Escrituras”.¹⁴⁸ Assim, “a Palavra de Deus, proposta continuamente na Liturgia, é sempre viva e eficaz¹⁴⁹ pelo poder do Espírito Santo, e manifesta o amor ativo do Pai, que nunca deixa de ser eficaz entre os homens”.¹⁵⁰

A Palavra de Deus chamou o mundo à vida. A Palavra de Deus é a vida do mundo; é Palavra de vida eterna. A Palavra de Deus é a luz do mundo. Esta mesma Palavra nos chama à comunhão com Deus. É Palavra de Deus que, com os outros temas da revelação cristã, nos anuncia e propõe a divinização. Daí o primado da Palavra de Deus.¹⁵¹

¹⁴⁵ CEC, n. 1346.

¹⁴⁶ INTRODUÇÃO ao Lecionário da Missa. In: **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. 8. ed. Brasília: CNBB, 2023. n. 10 (ILM).

¹⁴⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: COSTA, Lourenço (Org). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997. n. 35 (SC).

¹⁴⁸ DEISS, 1977. p. 129.

¹⁴⁹ Hb 4,12.

¹⁵⁰ ILM, n. 4.

¹⁵¹ MONGE CONTEMPLATIVO. **Deificação**: participantes da natureza divina. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 129.

O Senhor Jesus se revela na sua Palavra que é anunciada aos batizados em cada celebração eucarística e, por ela, todos são objetivamente “submergidos na presença de Cristo ressuscitado”.¹⁵² Ademais, pela ação do Espírito Santo, a Palavra age interiormente naqueles que a ouvem, realizando neles a configuração a Cristo.

O Espírito Santo, o “doador da vida”, o mesmo que atuou como protagonista na Encarnação, na Ressurreição de Cristo e em Pentecostes sobre a comunidade, é quem agora, na celebração, não só atua sobre os dons eucarísticos ou sobre a comunidade que deles participa, mas já na proclamação da Palavra. É Ele que torna realidade a Palavra e abre o coração dos fiéis para acolhê-la, como um tom “epiclético” que ultrapassa o limite da oração eucarística e dá vida a toda a celebração.¹⁵³

O Espírito Santo, com efeito, é quem faz com que a resposta dos batizados à Palavra proclamada seja eficaz, a fim de que se manifeste de maneira concreta na vida aquilo que se escuta com fé na ação litúrgica.¹⁵⁴ Deste modo é que se desenvolve interiormente no ser humano a sua divinização, pois aquele que ouve a Palavra é chamado pelo próprio Senhor a produzir frutos¹⁵⁵ e o fruto por excelência da escuta da Palavra é a conformação da vida com Cristo, isto é, a divinização.

Para que a Palavra de Deus realmente produza nos corações aquilo que se escuta com os ouvidos, requer-se a ação do Espírito Santo, por cuja inspiração e ajuda a Palavra de Deus se converte em fundamento da ação litúrgica e em norma e ajuda de toda a vida. Assim, pois, a atuação do Espírito Santo não só precede, acompanha e segue toda a ação litúrgica, mas também sugere ao coração de cada um tudo aquilo que, na proclamação da Palavra de Deus, foi dito para toda a comunidade dos fiéis; e, ao mesmo tempo que consolida a unidade de todos, fomenta também a diversidade de carismas e a multiplicidade de atuações.¹⁵⁶

“A maior veneração que a comunidade pode oferecer à Palavra é conformar com ela a sua vida”,¹⁵⁷ de modo que a Palavra proclamada dentro da celebração sacramental vai transformando os batizados e os impulsiona e estimula a serem testemunhas vivas no mundo.¹⁵⁸ Por isso, é necessário, como pedia Bento XVI, “ajudar os fiéis a valorizarem os tesouros da

¹⁵² ALDAZÁBAL, 2012. p. 409.

¹⁵³ ALDAZÁBAL, 2012. p. 409-410.

¹⁵⁴ ILM, n. 6.

¹⁵⁵ Mt 13,23.

¹⁵⁶ ILM, n. 9.

¹⁵⁷ DEISS, 1977. p. 131.

¹⁵⁸ ALDAZÁBAL, 2012. p. 410.

Sagrada Escritura”¹⁵⁹, pois a Palavra que entra pelos ouvidos e ecoa no coração dos fiéis é Palavra de divinização.

2.2.2 Análise eucológica

Quando a Igreja, reunida em nome da Trindade para celebrar os mistérios da salvação, se coloca em oração com fórmulas recebidas da tradição cristã, a oração tem algumas características próprias que a fazem sobressair entre todas as formas de oração.¹⁶⁰ Em algumas delas é possível perceber, de maneira explícita, a súplica da Igreja pela divinização dos fiéis, sobretudo porque a celebração sacramental é realmente eficaz e os frutos advindos dela são aplicados em favor dos fiéis que dela tomam parte. “Portanto, sem diminuir a eficácia da oração pessoal, recomendada por Jesus, a oração litúrgica, por ser oração de Cristo e da Igreja, goza de uma eficácia que supera a de qualquer outra forma de oração. Esta eficácia se chama *ex opere operantis Ecclesiae*”.¹⁶¹

Assim sendo, é importante fazer uma breve análise eucológica de algumas das orações que na celebração eucarística suplicam, em vistas à divinização, o dom do Espírito Santo sobre os fiéis e a eficácia do sacramento pascal do Senhor na vida dos comungantes.

2.2.2.1 Orações Eucarísticas

A segunda mesa na qual os fiéis são chamados a se alimentar é a mesa do corpo e do sangue do Senhor. A Oração Eucarística, portanto, é o ponto central e culminante de toda a celebração,¹⁶² pois nela se realiza, como expressa a *lex orandi* da Igreja, aquilo que se celebra: a transformação dos fiéis naquele que é oferecido nos dons eucaristizados.

A oração eucarística constitui o exemplo mais significativo da eucologia maior e o modelo mais completo da eucologia cristã. É definida como oração de ação de graças e de santificação [...]. O sentido desta oração é que toda a assembleia se una com Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício.¹⁶³

¹⁵⁹ SCa, n. 45.

¹⁶⁰ MARTÍN, Julián López. **A liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. Trad. Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 203.

¹⁶¹ MARTÍN, 2022. p. 209.

¹⁶² SCa, n. 48.

¹⁶³ MARTÍN, 2022. p. 211.

Na liturgia latina encontramos, na Oração Eucarística, duas epicleses: uma sobre os dons do pão e do vinho a fim de que o Espírito Santo os transforme no corpo e no sangue de Cristo, e outra sobre a comunidade que celebra e que vai participar destes dons eucaristizados, para que o mesmo Espírito também a transforme e faça dela “em Cristo um só corpo e um só Espírito”¹⁶⁴.¹⁶⁵ Assim como os dons de pão e vinho apresentados sobre o altar, após a primeira epiclese, são transformados no corpo e no sangue de Cristo, também os fiéis, por meio da segunda epiclese, ao comungarem dos dons consagrados, são transformados em Cristo, realizando deste modo a obra da divinização.

Por meio de invocações especiais, a Igreja implora o poder do Espírito Santo, para que os dons oferecidos pelos homens sejam consagrados, isto é, se convertam no corpo e sangue de Cristo, e para que a vítima imaculada, que vai ser recebida na comunhão, opere a salvação daqueles que dela vão participar.¹⁶⁶

A segunda epiclese é, por conseguinte, a invocação da ação do Espírito Santo sobre a comunidade que vai participar na comunhão do corpo e do sangue de Cristo. Pede-se ao Pai que, por meio do seu Espírito, conceda à Igreja que está reunida para celebrar a memória do Mistério Pascal de Cristo, e que vai participar de sua oblação sacramental, os frutos do sacramento: o amor, a vida e a unidade, sendo este último o fruto principal a ser suplicado.¹⁶⁷

Participando do Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo **num só corpo**.¹⁶⁸ (Oração Eucarística II)

Repletos do Espírito Santo, nos tornemos em Cristo **um só corpo e um só Espírito**.¹⁶⁹ (Oração Eucarística III)

Reunidos pelo Espírito Santo **num só corpo**, nos tornemos em Cristo uma oferenda viva para o louvor da vossa glória.¹⁷⁰ (Oração Eucarística IV)

O Espírito nos **una num só corpo**, para sermos um só povo em seu amor.¹⁷¹ (Oração Eucarística V)

“Olhai, com amor, Pai misericordioso, aqueles que unis a vós pelo sacrifício do vosso Filho, e concedei que, **pela força do Espírito Santo**, os que participam do único pão e do mesmo cálice sejam congregados em Cristo num

¹⁶⁴ MR, p. 549.

¹⁶⁵ ALDAZÁBAL, 2012. p. 263.

¹⁶⁶ Sca, n. 48.

¹⁶⁷ ALDAZÁBAL, 2012. p. 267.

¹⁶⁸ MR, p. 540 [grifo nosso].

¹⁶⁹ MR, p. 549 [grifo nosso].

¹⁷⁰ MR, p. 560 [grifo nosso].

¹⁷¹ MR, p. 566 [grifo nosso].

só corpo, no qual todas as divisões sejam superadas.”¹⁷² (Oração Eucarística sobre a Reconciliação I)

“Pai santo, neste banquete salvífico, suplicantes, vos pedimos: aceitai-nos também com vosso Filho e **dai-nos o seu Espírito para que nos liberte de tudo que nos separar uns dos outros.**”¹⁷³ (Oração Eucarística sobre a Reconciliação II)

“Olhai com bondade a oferta da vossa Igreja; nela vos apresentamos o sacrifício pascal de Cristo, que nos foi entregue. **E concedei que, pela força do Espírito do vosso amor, sejamos contados, agora e por toda a eternidade, entre os membros do vosso Filho, cujo Corpo e Sangue comungamos.**”¹⁷⁴ (Orações Eucarísticas para Diversas Circunstâncias)

Deste modo, pode-se compreender que a súplica pela unidade possuiu duas características: a primeira delas é a unidade eclesial em si mesma, pois sem ela a Eucaristia, que é sacramento da unidade, se encontraria fora do seu contexto e perderia sua eficácia; a segunda é compreender a unidade de vida dos próprios batizados, isto é, uma súplica pela coerência no modo de seguir e testemunhar a Cristo com um coração indiviso, uma súplica para que a vida se configure a Ele e para que “se aperfeiçoem, cada vez mais, pela mediação do Cristo, na união com Deus e com o próximo, para que finalmente Deus seja tudo em todos”.¹⁷⁵ Unidas as duas características dessa súplica de unidade, é portanto uma súplica pela divinização dos batizados.

Assim como em Pentecostes, quando o Espírito Santo encheu a Igreja nascente de sua vitalidade, hoje, ao celebrar a Eucaristia, a Igreja deseja transformar-se ela mesma (e não somente os dons do pão e do vinho) no Corpo de Cristo. Se a primeira epiclese, a epiclese sobre os dons, pedia a verdade do corpo eucarístico de Cristo, agora na epiclese de comunhão se tem em vista o que se pode considerar como a finalidade última do sacramento: a construção e maturação do corpo eclesial de Cristo. A finalidade última da Eucaristia é que a Igreja que se reúne para celebrar, participando “do mesmo pão e deste mesmo cálice”,¹⁷⁶ que se transformou no corpo de Cristo, seja ela mesma corpo único e unido de Cristo. O Espírito Santo transforma o pão e o vinho em corpo e sangue do Senhor para, através deles, transformar a Igreja e fazê-la crescer e amadurecer em sua união e conformação com Cristo.¹⁷⁷

¹⁷² MR, p. 605 [grifo nosso].

¹⁷³ MR, p. 611 [grifo nosso].

¹⁷⁴ MR, p. 617 [grifo nosso].

¹⁷⁵ IGMR, n. 79f.

¹⁷⁶ MR, p. 560.

¹⁷⁷ ALDAZÁBAL, 2012. p. 268.

Neste horizonte, compreende-se a função decisiva que tem o Espírito Santo na celebração eucarística. Nas suas *Catequeses*, São Cirilo de Jerusalém recorda que “invocamos Deus misericordioso para que envie o seu Santo Espírito sobre as oblações que apresentamos a fim de Ele transformar o pão em corpo de Cristo e o vinho em sangue de Cristo. **O que o Espírito Santo toca, é santificado e transformado totalmente**”. É extremamente necessária, para a vida espiritual dos fiéis, uma consciência mais clara da riqueza da anáfora: esta, juntamente com as palavras pronunciadas por Cristo na Última Ceia, contém a epiclese, que é invocação ao Pai para que faça descer o dom do Espírito a fim de o pão e o vinho se tornarem o corpo e o sangue de Jesus Cristo, e para que “a comunidade inteira se torne cada vez mais corpo de Cristo”. O Espírito, invocado pelo celebrante sobre os dons do pão e do vinho colocados sobre o altar, é o mesmo que reúne os fiéis “num só corpo”, tornando-os uma oferta espiritual agradável ao Pai.¹⁷⁸

2.2.2.2 Orações pós-comunhão

Para encerrar o rito da Comunhão, o presidente da celebração profere a oração pós-comunhão, em que implora sobre os fiéis os frutos do mistério celebrado e recebido.¹⁷⁹ Por diversas vezes, esta obra de divinização operada pelo Espírito Santo é explicitada na oração pós-comunhão, como por exemplo no 27º Domingo do Tempo Comum, quando se pede: “concedei-nos, Deus todo-poderoso, que inebriados e saciados pelo sacramento que recebemos, **sejamos transformados naquele que comungamos.**”¹⁸⁰

A comunhão aumenta a união dos batizados com Cristo, pois a Eucaristia traz consigo como fruto principal a união íntima com o Senhor¹⁸¹ e o compromisso por assumir um caminho de identificação com Cristo e colaboração com a graça a fim de crescer na participação na vida divina, é por isso que se suplica: “realizai em nossos corações os efeitos de sua força, **para que, ao recebermos o vosso dom, sejamos a ele configurados**”;¹⁸² “vos pedimos humildemente: assim como nos alimentais com o sacramento do Corpo e Sangue de Cristo, **dai-nos participar da natureza divina**”.¹⁸³

A oração litúrgica, aqui, de modo particular, na oração pós-comunhão, expressa a fé da Igreja na divinização do ser humano.¹⁸⁴ Afinal, o que o alimento material produz na vida corporal, a comunhão o realiza de maneira mais profunda e substancial em nossa vida espiritual.¹⁸⁵ Deste modo, algumas orações pós-comunhão que expressam de maneira explícita

¹⁷⁸ SCa, n. 13 [grifo nosso]; CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequese* 23,7.

¹⁷⁹ IGMR, n. 89.

¹⁸⁰ MR, p. 409 [grifo nosso].

¹⁸¹ CEC, n. 1391.

¹⁸² MR, p. 136 [grifo nosso].

¹⁸³ MR, p. 214 [grifo nosso].

¹⁸⁴ MONGE CONTEMPLATIVO, 1995. p. 109.

¹⁸⁵ CEC, n. 1392.

a súplica pela divinização do ser humano merecem ser citadas, levando em conta que, além destas, outras orações litúrgicas suplicam pela divinização, embora o façam de maneira implícita.

Ó Deus de misericórdia, que o Salvador do mundo, hoje nascido, **como nos fez nascer para a vida divina, nos conceda também a imortalidade.**¹⁸⁶ (Missa do Dia do Natal)

Saciados pelo dom que nos salva, imploramos, Senhor, a vossa misericórdia, a fim de que, **pelo mesmo sacramento que nos dais como alimento neste mundo, nos leveis a participar da vida eterna.**¹⁸⁷ (Terça-feira da Semana Santa)

Purificados de toda antiga culpa, nós vos pedimos, Senhor, que **a sagrada comunhão no sacramento do vosso Filho nos transforme em nova criatura.**¹⁸⁸ (Quarta-feira na Oitava da Páscoa)

Concedei-nos, Deus todo-poderoso, que, **tendo recebido a graça de participar da vossa vida,** nos gloriemos sempre dos vossos dons.¹⁸⁹ (III Domingo do Tempo Comum)

Unidos a Cristo por este sacramento, humildemente imploramos vossa clemência, Senhor, para que, **a ele configurados na terra,** mereçamos participar da sua glória no céu.¹⁹⁰ (XX Domingo do Tempo Comum)

Deus todo-poderoso, nós vos pedimos humildemente: assim como nos alimentais com o sacramento do Corpo e Sangue de Cristo, **fazei-nos participar da natureza divina.**¹⁹¹ (XXVIII Domingo do Tempo Comum)

Deus todo-poderoso, nós vos pedimos, não permitais que se separem de vós **aqueles a quem concedeis a alegria de participar da vossa vida.**¹⁹² (XXXIII Semana do Tempo Comum)

Concedei-nos, Senhor, **a participação eterna na vossa divindade que, no tempo presente, é prefigurada na comunhão do vosso precioso Corpo e Sangue.**¹⁹³ (Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo)

Senhor, nós vos pedimos: o alimento celeste que recebemos **nos transforme na imagem de Cristo,** cujo esplendor quisestes revelar na sua gloriosa Transfiguração.¹⁹⁴ (Festa da Transfiguração do Senhor)

¹⁸⁶ MR, p. 132 [grifo nosso].

¹⁸⁷ MR, p. 229 [grifo nosso].

¹⁸⁸ MR, p. 317 [grifo nosso].

¹⁸⁹ MR, p. 385 [grifo nosso].

¹⁹⁰ MR, p. 402 [grifo nosso].

¹⁹¹ MR, p. 410 [grifo nosso].

¹⁹² MR, p. 416 [grifo nosso].

¹⁹³ MR, p. 421 [grifo nosso].

¹⁹⁴ MR, p. 769 [grifo nosso].

Senhor, a participação na mesa celeste nos santifique a fim de que, membros do seu Corpo, **sejamos transformados naquele que recebemos**.¹⁹⁵ (Memória de Santo Agostinho)

Saciados pelo Corpo e Sangue do vosso Verbo encarnado, nós vos pedimos, Senhor, que estes divinos mistérios, recebidos com alegria na memória da Bem-aventurada Virgem Maria, **sempre nos tornem participantes da divindade de vosso Filho**.¹⁹⁶ (Comum da Bem-aventurada Virgem Maria: no tempo do Natal)

Senhor, o sacramento que recebemos na comemoração de São N. santifique a nossa mente e o nosso coração, **para que mereçamos participar da natureza divina**.¹⁹⁷ (Comum dos Santos e Santas: para um santo I)

Senhor, concedei-nos estar sempre junto aos vossos altares onde o sacramento do sacrifício é celebrado, para que, unidos na fé e na caridade, enquanto nos alimentamos do Cristo, **sejamos transformados nele**.¹⁹⁸ (Missas rituais: na dedicação de um altar)

Senhor, tendo participado do vosso sacramento de amor, suplicamos a vossa clemência para que, **configurados a Cristo na terra**, mereçamos participar da sua glória no céu.¹⁹⁹ (Missas Votivas: Sagrado Coração de Jesus)

É possível, portanto, ao apresentar a relação entre a celebração eucarística e a obra de divinização que o Espírito Santo opera no coração dos fiéis, perceber que aquilo que “a oração litúrgica expressa são as atitudes internas que estão presentes em toda oração cristã e que transformam toda a existência dos crentes em culto ao Pai no Espírito Santo e na verdade de Jesus”.²⁰⁰ Assim, “comungando o corpo e o sangue de Jesus Cristo, vamo-nos tornando participantes da vida divina de modo sempre mais adulto e consciente”.²⁰¹

2.3 CAMINHO DE DIVINIZAÇÃO

O Batismo é o fundamento da divinização do ser humano, pois ele “é o fundamento de toda a vida cristã, a porta da vida no Espírito, a porta que dá acesso aos demais sacramentos”.²⁰² Ele é verdadeiramente um novo nascimento, uma regeneração, que requer a intervenção do Espírito Santo, que confere às águas batismais a sua energia divinizante.²⁰³ No

¹⁹⁵ MR, p. 792 [grifo nosso].

¹⁹⁶ MR, p. 903 [grifo nosso].

¹⁹⁷ MR, p. 948 [grifo nosso].

¹⁹⁸ MR, p. 1052 [grifo nosso].

¹⁹⁹ MR, p. 1142 [grifo nosso].

²⁰⁰ MARTÍN, 2022. p. 207.

²⁰¹ Sca, n. 70.

²⁰² CEC, n. 1213.

²⁰³ VIVEIROS, 2017. p. 138.

entanto, o Batismo é apenas o início do itinerário pessoal do batizado com Deus, não é a sua definição completa no que diz respeito ao crescimento na vida da graça, isto é, a chegar à sua divinização. É preciso que, ao longo da vida, o batizado passe por um processo de mudança de mentalidade, de conversão, para entrar nessa dinâmica de transformação iniciada no Batismo.²⁰⁴ “Portanto, a Comunhão tem eficácia ontológica, enquanto é união com a vida de Cristo, que transforma a vida do homem. Por meio dela, estabelece-se uma pertença vital, que aperfeiçoa e realiza a adoção filial do Batismo”.²⁰⁵

Por isso, ao longo do seu peregrinar neste mundo, o batizado é sustentado e alimentado pela Eucaristia, pois neste sacramento o Verbo encarnado une a sua carne divinizada à nossa carne mortal, divinizando-a. A Eucaristia, deste modo, não realiza apenas uma comunhão moral com o Senhor, mas uma comunhão ontológica, isto é, uma comunhão de raízes profundas. Tal realidade não significa que o ser humano deixa de ser criatura, ele permanece o que é, no entanto, é inserido numa comunhão íntima com Deus, através de Cristo, na força do Espírito Santo.²⁰⁶

Quando recebemos em nosso corpo o Sangue divino de Cristo, em nossa alma corre também Sangue divino que nos concede uma nobreza divina. O Corpo de Cristo é um pão vivo que une a si os corpos daqueles que o comem, faz deles membros Seus e os compenetra com a plenitude da sua vida, penhor da vida eterna.²⁰⁷

A Igreja oferece o sacrifício eucarístico do Senhor e, com ela, o povo de Deus se oferece no mesmo sacrifício que o diviniza. Este sacrifício é marcado por três dimensões: a salvação, a santidade e a divinização.²⁰⁸ Na primeira dimensão (a salvação), a Igreja é consciente de ter sido salva e conquistada por meio do sacrifício de Cristo, pois por ele somos refeitos e é em cada Eucaristia que a nossa redenção se renova e se torna presente; na segunda dimensão (a santidade), a Igreja reconhece que, uma vez salvos pelo Batismo, a Eucaristia completa nos batizados a santificação e os faz crescer constantemente nela; por fim, na terceira dimensão (a divinização), a Igreja tem convicção de que o sacrifício eucarístico é a realização

²⁰⁴ VIVEIROS, 2017. p. 139.

²⁰⁵ ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XI, 2005, Vaticano. **A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja: lineamenta.** Vaticano: 2005. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20040528_lineamenta-xi-assembly_po.html#A%20santifica%C3%A7%C3%A3o%20e%20diviniza%C3%A7%C3%A3o%20do%20home>. Acesso em: 02 maio 2024.

²⁰⁶ VIVEIROS, 2017, p. 149s.

²⁰⁷ MONGE CONTEMPLATIVO, 1995. p. 99.

²⁰⁸ SAVELLI, Pedro. **O Batismo e a Eucaristia na perspectiva da Deificação.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2011. p. 125s.

do mistério da divinização dos batizados, pois a divinização humana se dá pelo diálogo e pela comunhão que se estabelece entre o divino e o humano, manifestado no sacrifício de Cristo.

A Igreja oferece o Sacrifício de Cristo, nele também se oferece como realidade deificada sacramentalmente. Encontramos nas orações eucarísticas as razões de celebrarmos a nossa entrega a Deus por meio de um sacrifício que lhe seja agradável: pois é o sacrifício perfeito do Filho, mas ao mesmo tempo também o nosso, que pela deificação o Pai espera que seja também agradável. Neste sentido a nossa disposição ou não em nada altera o sacrifício de Cristo, mas afeta a nossa oferta e entrega que somente serão perfeitas na plena comunhão com Cristo. [...] Este sacrifício, contudo, se completa na comunhão sacramental “do mesmo pão e do mesmo cálice”. Neste sentido a nossa participação na Eucaristia só será plena comungando do Sacrifício de Cristo. Somente aí podemos esperar frutos de deificação sacramental.²⁰⁹

Especialmente através da Eucaristia, a Igreja surge como o lugar teológico por excelência da transformação espiritual que atesta a vida de Deus que toca a realidade humana. O Espírito Santo nos conduz ao Pai por meio do Filho, fazendo-nos “corpóreos”²¹⁰ com Ele, sendo esta uma imagem claramente eucarística.²¹¹ É na Eucaristia que Cristo está inteiramente presente e onde a Igreja manifesta a sua plenitude. Nela celebramos sacramentalmente, no hoje da história, o que foi a vida de Jesus, antecipando o que será nossa vida futura, a partir do modo como vivemos agora a nossa comunhão, nossa consubstancialidade com o Cristo.²¹²

Os Santos Padres²¹³ insistem que na Eucaristia o nosso corpo, unido ao Corpo de Cristo, adquire um princípio de imortalidade. Por isso, a Eucaristia é remédio e fermento de imortalidade, pois assim afirma o Senhor: “quem come minha carne e bebe meu sangue tem a vida eterna”²¹⁴. Pela participação na Eucaristia, os batizados, em Cristo, pela ação do Espírito Santo, comungam de Deus e antecipam a vida futura. Participam, deste modo, da humanidade divinizada de Jesus Cristo, mesmo sem vê-la com clareza, pois a divinização da natureza humana do Cristo continua naqueles que participam do mistério do seu corpo e do seu sangue. Os que tomam parte deste banquete sagrado não são somente configurados ao Cristo, mas são cristificados, verbificados, sendo “associados à sua plenitude”^{215, 216}.

Deste modo, a vocação de todo batizado é a divinização, é ser configurado a Cristo. Isto se dá pela ação que o Espírito Santo opera na vida daqueles que celebram e comungam da

²⁰⁹ SAVELLI, 2011. p. 127.

²¹⁰ Ef 3,6.

²¹¹ MONGE CONTEMPLATIVO, 1995. p. 45.

²¹² VIVEIROS, 2017. p. 148.

²¹³ Especialmente São Cirilo de Jerusalém, São Máximo e São João Crisóstomo.

²¹⁴ Jo 6,54.

²¹⁵ Cl 2,9.

²¹⁶ VIVEIROS, 2017. p. 148s.

Eucaristia, por isso quanto mais o batizado toma parte do banquete eucarístico e o torna a vida da sua vida, tanto mais configurado a Cristo ele será. O contrário também é verdade, ou seja, quanto mais distante da Eucaristia, mais desfigurado o batizado se encontra, não atingindo assim a sua vocação mais primordial que é ser como Cristo, isto é, ser divinizado. É por isso que São Cirilo de Alexandria

critica aqueles que deixam de frequentar a Eucaristia, não podendo unir-se a ele misticamente e podendo excluir-se da vida eterna, porque se recusam a receber a verdadeira vida. No entanto, quem recebe o pão celeste, que é Cristo, nutre-se para a vida eterna, mediante a participação da sua carne, que faz-nos participantes de Deus e nos liberta da morte devido à antiga maldição.²¹⁷

Celebrar a Eucaristia é missão de todos os batizados, tal missão se torna um imperativo de gratidão para com aquele que nos chamou, pelo mistério da sua Páscoa, “das trevas à luz”²¹⁸, da humanidade à divinização. Portanto, somente pela divinização fundamentada no Batismo é que podemos e devemos extrair os benefícios da Eucaristia. O batizado que não celebra a Eucaristia é um indivíduo que vive sem se alimentar, pois assim como toda vida necessita de alimento que a sustente, também o batizado deve se alimentar da fonte de graça que é a Eucaristia.²¹⁹

A vida nova, em Cristo, alcança o seu ápice na Eucaristia, sacramento da nova e eterna aliança, fonte de vida eterna. Desta maneira, é possível compreender que é pela comunhão entre o divino e o humano, vividos na Eucaristia, que se dá a vida sacramental e espiritual dos batizados. É nesse âmbito que, sob a ação do Espírito Santo, os batizados entram na dinâmica do Caminho, que é o próprio Jesus.²²⁰ Assim, abre-se a possibilidade da conformação com Ele e, simultaneamente, a possibilidade da humanização do ser humano. Entre a humanização e a divinização não há distinção alguma, mas sim uma nova qualidade de vida nos batizados. A graça com que o batizado é chamado a amar, é a vida de Deus pulsante nele. Dessa forma, percebemos que a vida nova requer a tomada de consciência do ser nova criatura a partir da celebração e vivência dos sacramentos, especialmente da Eucaristia, pois nela se alimenta a vida nova recebida no Batismo em direção à divinização.²²¹

²¹⁷ CIRILO DE ALEXANDRIA, *Commento al Vangelo di Giovanni/1, III, VI, 35* in CORBELLINI, Vital. A visão da Eucaristia no período pós-niceno. **Revista Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 36, n. 151, 2006. p. 19.

²¹⁸ 1Pd 2,9.

²¹⁹ SAVELLI, 2011. p. 158.

²²⁰ Jo 14,6.

²²¹ VIVEIROS, 2017. p. 150s.

Comendo o pão santíssimo e bebendo o diviníssimo cálice, comungamos da mesma carne e do mesmo sangue que o Salvador assumiu. A Eucaristia é o pão da vida. Pela Eucaristia vivemos a sua mesma vida, no século futuro seremos co-herdeiros com Ele dos mesmos bens, com Ele reinaremos no mesmo Reino, a não ser que nós mesmos fiquemos cegos e voluntariamente lancemos fora a veste real. A nossa contribuição consiste em não jogar fora a coroa que o próprio Deus preparou para nós a preço de muitas canseiras e suores.²²²

O itinerário que fizemos até aqui nos ajudou a compreender a Eucaristia como caminho de divinização do ser humano. Ele é chamado a viver uma nova vida, pondo em prática aquilo que celebra com os irmãos ao redor do altar e, sobretudo, vivendo o dom de si que, a exemplo do Senhor, é convidado a realizar. O ser humano divinizado é semente de transfiguração do mundo.

²²² NICOLAU CABASILAS *in* MONGE CONTEMPLATIVO, 1995. p. 47.

3 POR UMA VIDA EUCARISTIZADA-DIVINIZADA

No presente capítulo, com o objetivo de apresentar elementos concretos para a vida eucaristizada-divinizada, desenvolvemos primeiramente a dinâmica interior que acontece na vida daqueles que se alimentam da Eucaristia: os frutos que ela gera na vida dos batizados. Destaca-se a assimilação da realidade menor para a maior, isto é, o próprio Cristo é quem nos assimila na comunhão tornando-nos membros do seu Corpo. Num segundo momento, destacamos a vivência eucarística como vivência do amor fraterno e como testemunho cristão no meio do mundo. Por fim, apresentamos uma compreensão de transfiguração do mundo, fruto do compromisso batismal com o Reino de Deus, compromisso este que nasce do altar, da oferta total e plena de Cristo.

3.1 “SOMOS AQUILO QUE COMEMOS” (Ludwig Feuerbach)

O filósofo e antropólogo alemão Ludwig Feuerbach, ateu e materialista convicto, “num célebre aforismo formulado pela primeira vez numa recensão do livro *Teoria dos alimentos* do pensador materialista holandês J. Moleschott e depois repetido, diz que **o homem é o que come**”.²²³ De fato, com muito mais propriedade nós cristãos podemos afirmar com o filósofo, dando um sentido totalmente novo àquilo que afirmou: somos o que comemos, pois ao comermos do pão eucarístico, tornamo-nos aquilo que comemos, isto é, o Corpo de Cristo. Santo Agostinho, aos seus fiéis, dizia: “tornem-se o que comem! Vocês comem o Corpo de Cristo, tornem-se o Corpo de Cristo”.²²⁴ A Eucaristia produz em nós, como fruto primordial, a união com Cristo, a configuração a Ele, ou seja, realiza a nossa divinização.²²⁵

Ao recebermos o Pão Vivo, somos transformados nele, e não é ele absorvido por nosso organismo como o alimento ordinário. É verdade que as espécies do pão se dissolvem em nós; todavia, a substância do Logos se torna o alimento de nossas almas de tal maneira que não vivemos mais da nossa própria vida, mas da sua.²²⁶

A obra realizada em nós pela Eucaristia, portanto, não é estéril, pelo contrário, ela produz frutos permanentes na vida daqueles que dela tomam parte. É preciso, pois,

²²³ ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. São Paulo: Paulus, 1991. p. 111. [grifo nosso]

²²⁴ SANTO AGOSTINHO. **Sermão 272**. Não paginado. Disponível em: < https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccclergy_doc_20050318_hoyos-letter-priests_po.html>. Acesso em: 16 maio 2024.

²²⁵ CEC, n. 1391.

²²⁶ MERTON, 2023, p. 133.

compreender de maneira mais profunda a relação existente entre a Eucaristia e a vida cotidiana, de modo que a espiritualidade eucarística não se reduza à participação na Missa e na devoção ao Santíssimo Sacramento, mas seja uma espiritualidade que abrace a vida de maneira completa.²²⁷ É por isso que Catecismo da Igreja Católica evidencia os frutos da Eucaristia na vida dos fiéis.

3.1.1 Aumento da união com Cristo

Receber a Eucaristia tem como fruto principal a união íntima com Cristo, pois Ele mesmo afirma: “quem come minha carne e bebe meu sangue permanece em mim, e eu nele”.²²⁸ A nova vida em Cristo tem seu fundamento na Eucaristia, pois aquilo que o alimento material produz em nosso corpo, a Eucaristia produz de maneira admirável em nossa vida espiritual. A comunhão no corpo e no sangue de Cristo ressuscitado conserva, aumenta e renova em nós a vida da graça recebida no Batismo. Tal crescimento na vida cristã necessita ser constantemente alimentado pela comunhão eucarística, pois ela é o pão da nossa peregrinação neste mundo até a vida eterna.²²⁹

Quando uma alma recebe este sacramento com as devidas disposições, entra em contato com o Logos, a Palavra de Vida, o Verbo, e, por esse mesmo fato, fica repleta de vida espiritual. Cristo instituiu esse sacramento precisamente para unir-se a cada um de nós como fonte de toda vida, força, luz e fecundidade espiritual.²³⁰

Na comunhão eucarística se torna mais verdadeiro e mais perfeito aquilo que ela significa, isto é, a participação na vida divina por meio do amor e da contemplação. A participação no banquete do Senhor terá sempre maior fruto quando, além de nos fazer crescer no amor aos irmãos e profundidade da fé, ela nos comunicar um conhecimento mais íntimo e mais puro do mistério de Cristo, a fim de nos unir mais intimamente a Ele e aos irmãos.²³¹

3.1.2 Separação do pecado

²²⁷ SCa, n. 77.

²²⁸ Jo 6,56.

²²⁹ CEC, n. 1391-1392.

²³⁰ MERTON, 2023, p. 129.

²³¹ MERTON, 2023, p. 48.

Outro fruto da Eucaristia na vida dos comungantes é a separação do pecado, pois o corpo de Cristo que comemos é “entregue por nós” e o sangue que bebemos é “derramado por nós para a remissão dos pecados”. Com isso, a Eucaristia não nos une a Cristo sem, ao mesmo tempo, nos purificar dos pecados cometidos e sem nos preservar dos pecados futuros. É por isso que, assim como o alimento material restaura as nossas forças, a Eucaristia restaura a nossa caridade que tende a enfraquecer-se na vida cotidiana pelos pecados veniais.²³²

Pela força poderosa deste sacrifício, somos levados, uma vez purificados, à fonte de sua ação [...]. **Deste sacrifício recebemos remédios eternos para curar todos os nossos pecados e fraquezas.** A ação do sacrifício nos faz, também, vítimas espirituais dignas de ser oferecidas a Deus. Em suma, cada vez que se renova a memória deste sacrifício, opera-se o fruto de nossa redenção.²³³

Ao receber o corpo e o sangue do Ressuscitado, nosso amor é reavivado e nos tornamos capazes de romper com as cadeias da nossa concupiscência, que tendencialmente nos conduz mais ao egoísmo do que à comunhão. Quanto mais unidos a Cristo na Eucaristia, mais progredimos na amizade com Ele e, por consequência, mais nos afastamos do pecado, seja venial ou grave, que nos separam da comunhão com Cristo e com a sua Igreja.²³⁴

3.1.3 Realização da unidade do corpo eclesial

A unidade eclesial é fruto permanente da Eucaristia, pois aqueles que estão intimamente unidos a Cristo por meio dela são também unidos por Ele a todos os fiéis num só corpo, que é a Igreja. A incorporação plena à Igreja se dá no Batismo, no entanto é na Eucaristia que esta incorporação e comunhão são aprofundadas. Assim recorda São Paulo aos coríntios: “o cálice de bênção que abençoamos, não é a comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão”²³⁵.²³⁶

Jesus vem a nós nesse sacramento de forma a que possa estar ao mesmo tempo presente em todo aquele que o recebe e em todos. Por conseguinte, vem em primeiro lugar para nos unir a Si como os membros à cabeça, em um só Corpo Místico. [...] O Corpo de Cristo está presente como uma substância debaixo

²³² CEC, n. 1393-1394.

²³³ MERTON, 2023. p. 73. [grifo nosso]

²³⁴ CEC, n. 1395.

²³⁵ 1Cor 10,16s.

²³⁶ CEC, n. 1396.

dos acidentes do pão, de maneira a poder dar-se indivisamente a cada um que recebe uma hóstia consagrada e estar, ao mesmo tempo, presente em todos.²³⁷

A Eucaristia é, portanto, constitutiva do ser e do agir eclesial. É por isso que, na antiguidade cristã, a expressão *Corpus Christi* designava o corpo nascido da Virgem Maria, o corpo eucarístico e o corpo eclesial de Cristo. Oferecendo-se a si mesmo como sacrifício agradável ao Pai por nós, Jesus preanunciou eficazmente no seu dom o mistério de comunhão da Igreja. A unidade da comunhão eclesial revela-se, de modo concreto, nas comunidades cristãs onde se renova o sacrifício eucarístico e é nessa perspectiva eucarística que a comunhão eclesial se revela realmente católica por natureza.²³⁸

A Igreja é a comunidade eucarística. Não é só um povo: dos muitos povos que a compõem, torna-se um só povo através da única mesa, que o Senhor estabelece para todos nós. A Igreja é, por assim dizer, uma rede de comunidades eucarísticas e está continuamente unida pelo único corpo que todos recebemos.²³⁹

3.1.4 Compromisso com os pobres

Para receber na verdade o corpo e o sangue de Cristo entregues por nós em comunhão, é preciso reconhecer que o próprio Senhor está presente nos mais necessitados, como Ele mesmo nos recorda no final seu discurso escatológico²⁴⁰ no evangelho de São Mateus: “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”.²⁴¹

A caridade que nos é comunicada na Eucaristia pelo Coração de nosso divino Salvador é, ao mesmo tempo, a causa formal e eficiente do amor por ela despertado em nossos corações. A nossa resposta a essa caridade é como uma chama, a nós comunicada pela Vítima divina, a arder no fogo do Espírito Santo.²⁴²

²³⁷ MERTON, 2023. p. 130.

²³⁸ Sca, n. 15.

²³⁹ RATZINGER, Joseph. **Il Dio vicino: l'eucaristia cuore della vita cristiana**. Torino: San Paolo, 2003. p. 122. Tradução nossa: “La Chiesa è la comunità eucaristica. Essa non è solo un popolo: dai molti popoli di cui è fatta, essa diventa un solo popolo per mezzo dell'unico tavolo, che il Signore apparecchia per noi tutti. La Chiesa è, per così dire, una rete di comunità eucaristiche ed è continuamente unita dall'unico corpo che tutti noi rice-viamo”.

²⁴⁰ Mt 25,31-46.

²⁴¹ Mt 25,40.

²⁴² MERTON, 2023. p. 131.

A Eucaristia, portanto, não nos aliena do mundo e nem nos torna cúmplices das injustiças sociais, mas, pelo contrário, pela caridade que suscita em nós, faz-nos participantes da missão de Jesus, comprometendo-nos com os mais pobres e marginalizados deste mundo.²⁴³

3.1.5 Promoção da unidade dos cristãos

A Eucaristia é o sacramento da unidade, por isso quanto mais dolorosas se tornam entre os cristãos as divisões que rompem a participação comum à mesa do Senhor, tão mais intensas são as súplicas da Igreja para que todos voltem aos dias da unidade completa de todos aqueles que creem no Cristo.²⁴⁴

O vínculo intrínseco existente entre a Eucaristia e a unidade da Igreja nos faz desejar ardentemente o dia em que poderemos celebrar, justamente com todos os que creem em Cristo, a divina Eucaristia e exprimir assim visivelmente aquela plena unidade que Cristo quis para os seus discípulos.²⁴⁵

O fato de as Igrejas e comunidades eclesiais cristãs, em todo o mundo, estarem separadas para cumprir o memorial do Senhor, mostra as divergências históricas e doutrinárias impossíveis de calar ou de ignorar. Unidos por um só e mesmo Batismo, os discípulos de Jesus não podem jamais se esquecer das consequências das suas divisões sobre o testemunho individual e coletivo que dão ao mundo. Tomar consciência de que não podemos reunir-nos em plena comunhão à volta da mesma mesa, sentir-nos atingidos pelo enfraquecimento do testemunho missionário que daí brota, abre os nossos corações à busca sincera de uma reconciliação entre todos os membros do Corpo de Cristo que para “sejam um”.²⁴⁶ Cada Eucaristia é celebrada na expectativa e na esperança da unidade plena do único povo de Deus à volta da única mesa do Senhor.²⁴⁷

3.1.6 Diversificação e diversidade de ministérios

Um dos frutos da Eucaristia é a diversificação e diversidade de ministérios, pois em cada assembleia eucarística somos todos convidados ao encontro com irmãos das mais diversas

²⁴³ TEXTO BASE do XVIII Congresso Eucarístico Nacional. São Paulo: Paulus, 2019. p. 90.

²⁴⁴ CEC, n. 1398.

²⁴⁵ SCa, n. 56.

²⁴⁶ Jo 17,11.

²⁴⁷ DOCUMENTO TEOLÓGICO DE BASE para o Congresso Eucarístico Internacional de Québec-Canadá. São Paulo: Paulus, 2007. p. 33s.

categorias e classes sociais, de diversos ministérios e carismas, com diversas funções e vocações no âmbito eclesial e na sociedade, no entanto todos chamados a exercer a única e mesma vocação batismal de maneiras distintas.²⁴⁸

As diferenças que Cristo quis estabelecer entre os membros do seu corpo e que se manifestam na celebração eucarística, servem à unidade e à missão da Igreja: sejam os membros da hierarquia e todos os demais batizados, todos cooperam à unidade por meio da diversidade.²⁴⁹ É fundamental, portanto, que todos os fiéis compreendam a função própria do sacerdócio ministerial e do sacerdócio batismal, tendo consciência de que todos participam, ao seu modo, do mesmo e único sacerdócio de Cristo.²⁵⁰

Ele [Cristo] dá a todas as pessoas batizadas uma parte nesta função da oferta a Deus. O sacerdócio comum a todos os batizados concede ao povo a capacidade de oferecer culto cristão, oferecer Cristo ao Pai Eterno pelas mãos do sacerdote ordenado na Celebração Eucarística [...]. O sacerdote ministerial, por outro lado, é um homem escolhido entre os batizados e ordenado pelo bispo no sacramento da Ordem. Apenas ele pode consagrar o pão em Corpo de Cristo e vinho em Sangue de Cristo e oferecê-los ao Eterno Pai em nome de Cristo e de todos os cristãos. É claro que embora sejam diferentes um do outro em essência e não apenas em grau, o sacerdócio comum de todos os batizados e o sacerdócio ministerial ou hierárquico são intimamente relacionados.²⁵¹

Todas as vocações cristãs e ministérios, portanto, recebem o seu real significado no mistério de Cristo, que é significado e explicitado de maneira excelente na celebração eucarística. Nela o próprio Cristo se oferece enquanto presença real a todos os que nele creem e celebram o mistério da sua Páscoa.²⁵² A Eucaristia torna efetiva a unidade, criando as condições necessárias para a perfeita comunhão dos fiéis com Cristo, pois é na celebração que a comunidade se une na diversidade de dons, funções e ministérios.²⁵³

Destes frutos, a Eucaristia, como o sacramento que completa a iniciação cristã, tem como efeito o sustento da vida nova recebida no Batismo e confirmada na unção crismal. Ao comungarmos do Corpo e do Sangue do Senhor recebemos o Ressuscitado com sua força de

²⁴⁸ FELLER, Vitor Galdino. Eucaristia e Reino de Deus. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 20, n. 41, p. 83-110, 2005. p. 92.

²⁴⁹ CEC, n. 873.

²⁵⁰ ARINZE, Francis. **Celebrando a Santa Eucaristia**. Trad. Alessandra Lass. Ecclesiae: Campinas, 2014. p. 43.

²⁵¹ ARINZE, 2014. p. 44.

²⁵² BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Eucaristia e a Ministerialidade Laical. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 21, n. 44, p. 115-135, 2006. p. 132.

²⁵³ GOEDERT, Valter Mauricio. Eucaristia, pão para a vida do mundo. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 20, n. 41, p. 6-33, 2005. p. 31.

ressurreição, isto é, recebemos o próprio Filho, Verbo encarnado, que conquistou para nós a vida nova, e recebemos o Espírito Santo que realiza e efetiva em nós a vida nova, a fim de nos oferecermos ao Pai como culto espiritual.²⁵⁴ Isso é explicitado numa das estrofes do conhecido canto de comunhão das festas da Bem-aventurada Virgem Maria, de autoria de Dom Carlos Alberto Navarro, que diz: “na comunhão recebemos o Espírito Santo, e vem contigo, Jesus, o teu Pai sacrossanto. Vamos agora ajudar-te no plano da salvação: eis aqui os teus servos, Senhor”.²⁵⁵ Somos, portanto, congregados na mesma mesa para sermos “um só corpo e um só espírito”²⁵⁶, o povo de Deus, a Igreja peregrina neste mundo.

Unindo-nos ao seu Sacrifício, Jesus, portanto, quer, em primeiro lugar, encher-nos com o mesmo Espírito Santo, de amor, de que está Ele próprio, repleto. Vemos, novamente, aqui, todo o sentido da Eucaristia. Jesus vem a nós nesse mistério divino para nos divinizar e nos transformar inteiramente nele. Os Santos Padres jamais consideraram a Eucaristia senão como o caminho para a mais alta união mística com Deus.²⁵⁷

3.2 DA CELEBRAÇÃO AO TESTEMUNHO

A participação na Eucaristia requer de nós um novo estilo de vida, requer que assumamos o estilo de Jesus de Nazaré que sempre viveu voltado para o Pai e atento às carências dos mais necessitados.²⁵⁸ A Eucaristia é expressão singular do amor redentor de Jesus, é por isso que podemos chamá-la de sacramento do amor, pois ao instituí-la, além de dar-se a si mesmo como alimento, Jesus nos deixou o novo mandamento, o mandamento do amor: “dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos uns aos outros”.²⁵⁹ Por isso,

se deixarmos de levar a sério esse mandamento e se nossa vida de devoção se achar concentrada nos desejos egoístas de experimentarmos sentimentos piedosos, que nos fecham sobre nós mesmos e nos comprimem o coração, tornando-nos insensíveis aos demais, ou mesmo fazendo-nos desprezá-los, podemos estar certos de que nossa devoção é uma ilusão. Não conhecemos a Cristo porque não cumprimos a sua palavra. Pois Ele só se manifesta aos que lhe fazem a vontade. Ora, Jesus quer vir a nós nesse sacramento do seu amor, não apenas para nos consolar individualmente, mas para que possamos dar-

²⁵⁴ Rm 12,1.

²⁵⁵ NAVARRO, Carlos Alberto. Disponível em: <www.diocesesa.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Comunhão-Quando-teu-pai-revelou.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

²⁵⁶ Ef 4,4.

²⁵⁷ MERTON, 2023. p. 131s.

²⁵⁸ VIVEIROS, 2017. p. 151.

²⁵⁹ Jo 13,34.

lhe nossos corações e deixá-lo habitar neles, de maneira que, por nosso intermédio, possa Ele amar nossos irmãos com o nosso amor.²⁶⁰

Da vivência do mandamento do amor, compreendido como fruto da Eucaristia e compromisso que dela emerge, surge uma espiritualidade e uma cultura eucarísticas profundas que geram comunhão com aquele que comungamos. Para isso, é preciso reconhecer que um dos grandes efeitos da secularização é ter colocado a fé cristã à margem da existência, como se fosse algo inútil para a realização concreta da vida humana, procurando viver um ateísmo prático. Deste modo, os batizados que tomam parte do banquete eucarístico são chamados a uma compreensão cada vez mais profunda da relação entre Eucaristia e vida cotidiana, pois uma espiritualidade eucarística que leva a uma comunhão plena com o Senhor não se restringe à participação na Missa ou à adoração eucarística, mas envolve a vida toda em todas as suas realidades. É um viver segundo o Espírito.²⁶¹

O mistério eucarístico não se restringe ao templo nem ao coração do fiel, mas é para a vida do mundo. Leva a um novo modo de ser e a um novo modo de viver. Cria comunhão, unidade, relações de aliança. Inspira atitudes de vida em favor dos pobres, dos excluídos, dos doentes. Supera divisões, inimizades, ódios e realiza reconciliação, convivência pacífica. Esta forma eucarística de viver [...] é o que chamamos de cultura eucarística, “sistema eucarístico”.²⁶²

Deste modo, é preciso assumir uma coerência eucarística, isto é, reconhecer que o culto agradável a Deus não se trata de um ato meramente privado, sem consequências nas nossas relações sociais: requer, pelo contrário, um testemunho público e eloquente da própria fé. Isso vale para todos os batizados, especialmente para aqueles que se alimentam da Eucaristia e que, por ela, são conduzidos pelo caminho da divinização. Ninguém deve pensar que os cristãos estão dispensados dos compromissos de cidadania ou dos compromissos sociais, a realidade é que a ligação existente entre altar e vida, sacramento e compromisso social é objetiva e é um imperativo para todos.²⁶³

A vida do próprio Cristo, que alimenta a nossa oferenda pela Eucaristia, torna-nos cada vez mais semelhantes a Ele e disponíveis para os irmãos, na unidade de um só corpo e de um só Espírito. Ele transforma a Igreja num templo vivo de Deus para o culto da nova aliança.²⁶⁴ Cada um de nós, deste modo, é chamado a desempenhar um papel especial (mesmo de modo

²⁶⁰ MERTON, 2023. p. 160s.

²⁶¹ SCA, n. 77.

²⁶² BRANDES, Orlando. Eucaristia e amor social: os pobres e a fome. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 21, n. 44, p. 55-79, 2006. p. 65s.

²⁶³ SCA, n. 83.

²⁶⁴ DOCUMENTO TEOLÓGICO DE BASE, 2007. p. 40.

oculto ou aparentemente sem importância) na edificação do Corpo de Cristo, isto é, a sua Igreja.²⁶⁵ Mas, para isso, é preciso ter uma clareza fundamental de que a missa não acaba com o fim do rito; é preciso, portanto, ter uma espiritualidade eucarística.

A Eucaristia deve ser o “centro nervoso” que integra e unifica todas as dimensões da minha existência: deve unir e nutrir tanto a minha busca interior e pessoal pela santidade, de uma profunda e sincera comunhão com Deus, quanto minha comunhão e minha solicitude com os outros, sejam aqueles que moram comigo, que encontro no trabalho, sejam aqueles que não partilham comigo mesa alguma: nem a do Pão com maiúscula, a Eucaristia, nem com a do pão com minúscula, o alimento diário. Portanto, a Missa nunca pode se tornar um culto desencarnado.²⁶⁶

Por isso, a missão primeira e mais fundamental que deriva da Eucaristia é a de dar testemunho com a nossa vida. Nela, Cristo imprime em nossa existência um dinamismo novo que nos compromete e deve nos impelir a ser testemunhas do seu amor.²⁶⁷ Sendo divinizados pela Eucaristia, isto é, transformados por Cristo, somos unidos a Deus e, assim, podemos ser trampolins para Deus, pois através do ser humano divinizado é que outros tantos são contagiados pela obra redentora de Cristo.²⁶⁸ Aqui está o valor do testemunho, pois

tornamo-nos testemunhas quando, através das nossas ações, palavras e modo de ser, é Outro que aparece e se comunica. Pode-se afirmar que o testemunho é o meio pelo qual a verdade do amor de Deus alcança o homem na história, convidando-o a acolher livremente essa novidade radical.²⁶⁹

A expressão mais eloquente desse movimento existencial que vai da celebração da Eucaristia ao testemunho na vida ordinária é, sem dúvidas, a lição dada pelo próprio Senhor no lava-pés,²⁷⁰ pois a “Eucaristia é lava-pés, diaconia, serviço em favor dos irmãos”.²⁷¹ O lava-pés deixa evidente que a última ceia do Senhor e, conseqüentemente, a Eucaristia celebrada pela Igreja ao longo dos séculos, são memoriais não só do sacrifício do Senhor, mas também da sua diaconia que deve se transformar em serviço fraterno aos irmãos, sobretudo aos que mais sofrem.²⁷²

²⁶⁵ MERTON, 2023. p. 162.

²⁶⁶ ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. **O sacrifício da palavra: a liturgia da Missa segundo Bento XVI**. Campinas: Ecclesiae, 2016. p. 319.

²⁶⁷ SCA, n. 85.

²⁶⁸ SCHEID, Eusébio Oscar. Eucaristia e promoção da pessoa humana. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 21, n. 44, p. 19-32, 2006. p. 29.

²⁶⁹ SCA, n. 85.

²⁷⁰ Jo 13,1-20.

²⁷¹ GOEDERT, 2005. p. 24.

²⁷² GOEDERT, 2005. p. 25

O lava-pés não é só uma cena comovente para ser contemplada e meditada. Não é somente um espetáculo; é um apelo e até uma exigência: “compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais ‘Mestre e Senhor’ e dizeis bem pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que também vós façais como eu vos diz!” (Jo 13,12-15). A Igreja é, pois, chamada a uma dupla humildade. Primeiramente, a de permanecer aberta à graça do Senhor e de se deixar servir por ele; depois, a de não guardar essa graça para si, mas de transmiti-la aos irmãos e irmãs para se pôr ao serviço deles.²⁷³

A Eucaristia como diaconia, que é a concretização do ágape de Cristo, transforma-nos em sujeitos de comunhão, na Igreja e no mundo, pois ela é a epifania da comunhão na Igreja.²⁷⁴ Num contexto eclesial em que muitos batizados, instrumentalizando a Eucaristia, têm promovido mais a divisão do que a união, é fundamental recordar que a Eucaristia é quem “cria a comunhão e educa para a comunhão”.²⁷⁵ A divinização não é um processo imanente a nós mesmos, mas, ao contrário, é uma relação e, como tal, é uma relação transformadora.²⁷⁶ Assim, a Eucaristia não se tornará caminho de divinização se ela não nos transformar em homens e mulheres de comunhão, promotores e construtores de comunhão, cultivando “uma espiritualidade de comunhão que nos induz a sentimentos de recíproca abertura, de afeto, de compreensão e de perdão”.²⁷⁷

O cristão que participa da Eucaristia aprende dela a fazer-se promotor de comunhão, de paz, de solidariedade, em todas as circunstâncias da vida. A imagem dilacerada do nosso mundo [...] mais do que nunca chama os cristãos a viverem a Eucaristia como uma grande escola de paz, onde se formam homens e mulheres que, nos vários níveis de responsabilidade na vida social, cultural, política, se fazem construtores de diálogo e de comunhão.²⁷⁸

3.3 COMPROMETIDOS COM O REINO DE DEUS

A Eucaristia é sinal e imagem do Reino de Deus, especialmente pelas parábolas do Reino onde Jesus relaciona-o com o banquete ou a festa.²⁷⁹ Ela é uma interpelação do próprio Jesus a todos os “convidados para o banquete do Senhor”²⁸⁰ para que assumam, de maneira real

²⁷³ BROUARD, 2006. p. 12.

²⁷⁴ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Mane nobiscum Domine*. São Paulo: Paulinas, 2006. n. 21 (MND).

²⁷⁵ EE, n. 40.

²⁷⁶ SALAMOLARD, 2017. p. 179.

²⁷⁷ MND, n. 21.

²⁷⁸ MND, n. 27.

²⁷⁹ Mt 22,1-14; Lc 14,15-24.

²⁸⁰ MR, p. 573.

e concreta, a missão de colaborar na transfiguração do mundo, comprometendo-se com o Reino de Deus. Ela se apresenta a nós “como a força renovadora da sociedade, enquanto vai nos ajudar pela vivência do amor a enfrentar os desafios que minam e destroem a convivência humana”.²⁸¹

A Eucaristia nos chama a voltar o olhar não somente “para o alto”, mas também “para frente”. Não nos pede para fugir do espaço e do tempo, mas para crer que, graças à economia da santa Trindade, que foi realizada na pessoa e na obra de Cristo, “com a cooperação do Espírito Santo”, o espaço e o tempo são capazes de acolher a transfiguração. A Eucaristia nos leva a crer que o Reino de Deus não é algo que substituirá a criação material, mas, ao contrário, algo que a transfigurará, purificando-a daqueles elementos que carregam corrupção e morte.²⁸²

Assumir a vida cristã, alimentada e sustentada pela Eucaristia, supõe transfigurar-se com o mundo pela prática daquilo que se vive na celebração eucarística.²⁸³ Assim, a Eucaristia torna já presente o Reino entre nós e constrói uma nova sociedade fundada no amor, fonte do verdadeiro humanismo. Nenhuma sociedade tem um princípio vital tão eficaz e tão profundo como a imersão misteriosa de Cristo em cada batizado que dele se alimenta. Nenhuma comunidade verdadeiramente cristã se edifica, nem se sustenta, se não estiver enraizada na Eucaristia.²⁸⁴

A Eucaristia é, deste modo, a primeira etapa da realização do Reino, pois ela é o centro da vida espiritual deste Reino fundado por Jesus; a última etapa se dará no final dos tempos, quanto será perfeitamente realizada a Páscoa. Isto é, assim como a Igreja em si mesma não é o Reino de Deus, mas seu sacramento e instrumento que nos introduz no Reino para nos levar à meta definitiva, assim também a Eucaristia não é o Reino, mas sua primeira etapa de realização, sua antecipação e vislumbre.²⁸⁵

Assim,

o papel da Igreja é fundamental para o processo de deificação do ser humano [...]. A Igreja se mostra como lugar da metamorfose, pelos sacramentos e pelo culto, e revela-se essencialmente Eucaristia, a vida divina no humano, a epifania e o ícone da realidade celeste. Sob este aspecto da *Ecclesia orans*, a Igreja consagra e santifica mais do que ensina.²⁸⁶

²⁸¹ ALMEIDA, Luciano Mendes. Eucaristia e transformação da sociedade. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 21, n. 44, p. 43-54, 2006. p. 48.

²⁸² ZIZIOULAS, Ioannis. **Eucaristia e Reino de Deus**. Trad. Vitor Galdino Feller. São Paulo: Mundo e missão; Florianópolis: ITESC, 2003. p. 87.

²⁸³ VIVEIROS, 2017. p. 124.

²⁸⁴ GOEDERT, 2005. p. 27.

²⁸⁵ FELLER, 2005. p. 103.

²⁸⁶ VIVEIROS, 2017. p. 125.

3.3.1 Princípio da realização do Reino

Para uma vivência autêntica da Eucaristia, como princípio da realização do Reino entre nós, brota o impulso que ela traz em si mesma por um empenho eficaz na transfiguração da sociedade, tornando-a mais justa e fraterna. Na Eucaristia, o Senhor manifestou a forma extrema do amor, derrubando todos os critérios de domínio que, infelizmente, regem com frequência as relações humanas e afirmou de modo radical o critério do serviço, que é a nova lógica do Reino que Ele mesmo inaugurou: “se alguém quer ser o primeiro, seja o servo de todos”^{287, 288}.

Dessa forma, a Igreja é um movimento de humanização das pessoas numa comunidade, movimento retomado e realizado sempre de novo na Eucaristia. Entendemos esse movimento realizado na Igreja como iniciativa de Deus (graça), por meio de Jesus (o ser humano por excelência, o Filho), no Espírito (santificação), que nos cristifica, deificando-nos.²⁸⁹

No caminho de divinização do mundo pela Eucaristia, celebrá-la é nutrir-se de uma força que nos impele a nos fazermos “pão repartido” para os outros e, por consequência, a nos empenhar por um mundo mais justo e fraterno, transfigurando aquilo que ainda são sinais do anti-Reino entre nós. O anseio por um mundo novo não deve, no entanto, enfraquecer, mas antes ativar a nossa solicitude em ordem a desenvolver esta terra, onde cresce o corpo da nova família humana, que já prefigura o mundo futuro, embora de maneira limitada. Dessa forma, embora o progresso do mundo se deva distinguir de modo cuidadoso do crescimento do Reino de Deus, contudo, na medida em que pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, interessa em grande medida ao Reino.²⁹⁰ Assim como se deu na multiplicação dos pães e dos peixes, hoje somos convidados a reconhecer que o Senhor continua exortando a todos aqueles que dele se alimentam a se empenharem a “dar de comer”²⁹¹ aos que têm fome. A vocação daqueles que são constantemente divinizados pela Eucaristia é ser *pão repartido para a vida do mundo*.²⁹²

²⁸⁷ Mc 9,35.

²⁸⁸ MND, n. 28.

²⁸⁹ VIVEIROS, 2017. p. 126.

²⁹⁰ GS, n. 39.

²⁹¹ Mt 14,16.

²⁹² SCA, n. 88.

Os discípulos de Cristo, portanto, aceitam a missão de transformar o mundo, mas sabem que este novo mundo possível, o mundo transfigurado, está sempre marcado pela limitação e fragilidade da liberdade humana e pela coexistência entre o pecado-egoísmo e o amor-serviço aos irmãos. Assim, a transformação do mundo acontece na história com todas as suas vicissitudes. A inserção dos batizados no meio do mundo, isto é, daqueles que têm dentro de si a semente da divinização, é um ato de amor, pois à medida que penetramos as diversas realidades sociais e ali vivemos nosso compromisso com o Reino, levamos adiante o plano divino de divinização do mundo, tornando-nos nós mesmos uma única oferta eucarística com o Senhor.²⁹³

3.3.2 Compromisso social com a humanização do mundo

A mesma Eucaristia que nos diviniza, impele-nos a um compromisso social com a humanização do mundo. O mistério que celebramos nos leva a promover a libertação das escravidões, da escravidão do pecado e de tantas outras escravidões que oprimem o ser humano, e a denunciar as situações de indignidade as quais tantos irmãos e irmãs são relegados, situações essas que ferem a dignidade do ser humano.²⁹⁴

Os problemas sociais da humanidade não se resolvem somente com projetos e propósitos políticos. Enfim, quando tivermos desenvolvido todos os esforços, precisaremos dizer: “Somos simples servos; fizemos o que devíamos fazer” (Lc 17,10). Mas é exatamente no momento em que percebemos nossas limitações, que Deus entra em cena para transformar nossa pobre oferta em ações concretas de solidariedade. Nosso “pouco” será suficiente, e até sobrar, desde que seja nosso “tudo”. O milagre do amor uma vez mais acontecerá. A multidão será saciada!²⁹⁵

Por ser a santidade a sede e o desejo inextinguível de Deus para o ser humano, a busca por ela é a expressão mais eloquente do compromisso com o Reino, com vistas à divinização. Pois, quanto mais a pessoa ama a Deus, mais quer amá-lo, o que significa comprometer a sua vida, de maneira profunda, a colaborar com a obra de Deus. É justamente este desejo infinito da alma por Deus que impulsiona o ser humano criado à sua imagem e semelhança a seguir sua orientação ontológica, isto é, para realizar o seu ser imagem. Nesse compromisso com a humanização, realiza-se o processo de divinização, no qual a imagem se realiza à medida que

²⁹³ ALMEIDA, 2006. p. 53.

²⁹⁴ Sca, n. 89.

²⁹⁵ GOEDERT, 2005. p. 28.

a semelhança segue sua conformação com Cristo, no Espírito, pois o ser humano é o “lugar de Deus” no mundo.²⁹⁶

3.3.3 Presença entre nós, ainda não em plenitude

Este desejo profundo pela santidade nos faz compreender que, apesar de o Reino já estar presente entre nós, ainda não está em plenitude, pois se concretizará apenas na eternidade. A Eucaristia nos lança para frente, aos últimos tempos, à plenitude, quando a ressurreição de Cristo se tornará também a nossa ressurreição. O desejo pela concretização plena do Reino é intenso na Eucaristia, pois ela é imagem dos tempos futuros. Faz-nos olhar adiante e olhar para os lados, para dos irmãos, para a realidade que nos envolve.

O caráter escatológico da Eucaristia não atenua, antes intensifica a luta contra o mal que nos cerca, seja o mal “moral”, como habitualmente é chamado, seja o “natural”. Como imagem do Reino, a Eucaristia nos faz compreender mais profundamente o contraste entre o mundo como ele é, e o mundo como ele será nos últimos tempos. O que a Eucaristia dissolve é o “ser-para-a-morte” do existencialismo, a justaposição ontológica de ser e não-ser, de vida e morte, justaposição que leva ou ao desespero ou à indiferença diante da transfiguração do mundo.²⁹⁷

A Eucaristia como comunhão dos tempos últimos nos revela que a criação inteira está predestinada pelo amor de Deus a ser finalmente libertada da corrupção e da morte para viver para sempre,²⁹⁸ pois como recorda São Paulo aos Romanos: “a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. Ela espera ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus.”²⁹⁹ “Alimentados com o Pão da vida, os cristãos podem pregar as alegrias do Reino vindouro, e antecipar sua realização no tempo da peregrinação. A Eucaristia está, pois, voltada para o futuro, já experimentando, na esperança, as promessas que ainda se realizarão.”³⁰⁰

Por essa razão, o desejo do Pai para cada ser humano é que este seja progressivamente semelhante ao Filho. Por isso, o Espírito Santo atua no coração do mundo e no coração dos fiéis para que, pelos sinais visíveis da graça, especialmente pela Eucaristia, o mundo seja divinizado.³⁰¹ Tudo isso a fim de que o Filho, no Espírito, ao chegar ao fim dos tempos,

²⁹⁶ VIVEIROS, 2017. p. 128.

²⁹⁷ ZIZIOULAS, 2003. p. 86.

²⁹⁸ ZIZIOULAS, 2003. p. 87.

²⁹⁹ Rm 8,19.21.

³⁰⁰ GOEDERT, 2005. p. 30.

³⁰¹ SALAMOLARD, 2017. p. 179.

recapitule toda a criação em si mesmo e a entregue nas mãos do Pai, para a glória e o louvor da Trindade, pelos séculos dos séculos.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa procurou compreender a Eucaristia como caminho de divinização do ser humano, peregrino neste mundo. Visto que a Eucaristia é o lugar onde pulsa o coração da Igreja, ela não pode ser entendida de maneira estritamente ritual, sem implicações no modo de ser e de viver daqueles que dela se alimentam, mas sim como via eficaz de transformação interior e de participação na vida divina.

Por isso, no primeiro capítulo expôs-se a concepção de divinização para a teologia da graça do oriente cristão, enraizada e fundamentada no mistério da Encarnação do Verbo Divino que, ao assumir nossa condição humana, abriu-nos as portas da eternidade e, com isso, deu-nos a possibilidade de trilhar o caminho de divinização. A partir da compreensão da importância da Encarnação, apresentou-se a doutrina da divinização a partir da Sagrada Escritura e da tradição dos Santos Padres, especialmente de Santo Atanásio, Santo Irineu e São Leão Magno. Como consequência disso, apresentou-se a dimensão pneumatológica da divinização, a fim de destacar que a divinização acontece por meio da ação vivificadora do Espírito Santo na vida dos batizados.

No segundo capítulo, buscou-se analisar o sacramento da Eucaristia e sua celebração como participação na vida divina. Para isso, apresentou-se a compreensão da teologia sacramental latina sobre o sacramento da Eucaristia, destacando as dimensões deste sacramento. Como consequência, analisou-se a celebração eucarística a partir das duas mesas, a da Palavra e a da Eucaristia, relacionando-as com o processo de divinização. Na liturgia da Palavra anuncia-se ao ser humano a divinização e este é convidado a abrir-se à ação da graça a fim de, ao alimentar-se da Eucaristia, entrar na dinâmica de vida nova. O axioma *lex orandi lex credendi* foi abordado, neste contexto, por meio da análise feita da epiclese de comunhão nas diversas orações eucarísticas, que suplica o dom do Espírito Santo para realizar a comunhão dos fiéis e entre eles. Concluiu-se esta análise com as orações pós-comunhão, cuja finalidade é implorar sobre os fiéis os frutos do mistério celebrado na Eucaristia, apresentando as várias orações que explicitam a súplica da Igreja pela divinização daqueles que foram alimentados pelo Corpo e pelo Sangue do Senhor, oferecidos em comunhão.

Considerando tais análises, para concluir este capítulo, apresentou-se a Eucaristia como caminho de divinização, isto é, a chave da reflexão proposta por esta pesquisa. O Batismo é o fundamento da divinização do ser humano, por ser a porta para a vida da graça, enquanto a Eucaristia é o alimento que nutre e sustenta os fiéis ao longo da sua peregrinação neste mundo,

aperfeiçoando a consagração batismal e fazendo crescer a comunhão com Cristo e, conseqüentemente, a configuração a Ele, isto é, a divinização.

O terceiro capítulo, procurando apresentar elementos concretos para uma vida eucaristizada-divinizada, destacou a importância da transição da celebração ao testemunho, do sacramento à existência. Apresentou-se, no primeiro momento, a transformação que ocorre no ser humano quando se alimenta da Eucaristia, destacando os frutos deste sacramento na vida pessoal, eclesial e social. Explanou-se, deste modo, a necessidade de compreender a Eucaristia de maneira existencial, superando a concepção estritamente ritualista da Eucaristia e assumindo um jeito eucarístico de viver, tornando-se verdadeiras testemunhas. Isso leva o batizado a comprometer-se existencialmente com a transfiguração do mundo, isto é, com o Reino de Deus, do qual a Eucaristia é princípio de realização, chamando todos ao compromisso social com a humanização do mundo e a abertura à presença, mesmo que não plena, do Reino entre nós.

Por fim, essa pesquisa procurou apresentar a Eucaristia como valor essencial para a vida daqueles que foram mergulhados no Batismo no mistério de Deus-Trindade, sendo um caminho seguro para a divinização do ser humano e, conseqüentemente, a recapitulação do mundo (Rm 8,21). Seria interessante que, ao menos, essa pesquisa despertasse o desejo de conhecer e pesquisar mais sobre a tradição teológica oriental, enriquecendo mais ainda a tradição teológica do ocidente, pois ambas se iluminam mutuamente. Que o mesmo Espírito, que operou no seio da Virgem Maria na Encarnação e que cotidianamente santifica e transforma os dons do pão e do vinho sobre o altar, faça-nos trilhar até o Reino definitivo este caminho que nos foi deixado pelo Senhor Jesus, a fim de participarmos da plenitude da vida divina por toda a eternidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDAZÁBAL, José. **A Eucaristia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ALMEIDA, Luciano Mendes. Eucaristia e transformação da sociedade. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 21, n. 44, p. 43-54, 2006.

ARINZE, Francis. **Celebrando a Santa Eucaristia**. Trad. Alessandra Lass. Ecclesiae: Campinas, 2014.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XI, 2005, Vaticano. **A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja: lineamenta**. Vaticano: 2005. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_2004_0528_lineamentaxiassembly_po.html#A%20santifica%C3%A7%C3%A3o%20e%20diviniza%C3%A7%C3%A3o%20do%20homem>. Acesso em: 02 maio 2024.

ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. **O sacrifício da palavra: a liturgia da Missa segundo Bento XVI**. Campinas: Ecclesiae, 2016.

BENTO XVI. **Audiência Geral: 05 de março de 2008**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_benxvi_aud_20080305.html>. Acesso em: 16 abr. 2024.

_____. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis***. São Paulo: Paulinas, 2007.

BÍBLIA de Jerusalém. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara L; FELLER, Vitor Galdino. **Deus-amor: a graça que habita em nós**. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2003.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Eucaristia e a Ministerialidade Laical. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 21, n. 44, p. 115-135, 2006.

BRANDES, Orlando. Eucaristia e amor social: os pobres e a fome. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 21, n. 44, p. 55-79, 2006.

BROUARD, Maurice (org.). **Eucharistia: enciclopédia da Eucaristia**. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2006.

CÂNDIDO, Edinei da Rosa. A Encarnação do Verbo e a verbificação do ser humano: o acento antropológico de Atanásio de Alexandria. **Cadernos Patrísticos: textos e estudos**, Florianópolis, ano 2, n. 6, 2008.

CATECISMO da Igreja Católica. 5. ed. Brasília: CNBB, 2023.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: COSTA, Lourenço (Org). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. 1962-1965, Vaticano. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. In: COSTA, Lourenço (Org). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

CORBELLINI, Vital. A visão da Eucaristia no período pós-niceno. **Revista Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 36, n. 151, 2006.

DEISS, Lucien. **A ceia do Senhor: eucaristia dos cristãos**. São Paulo: Paulinas, 1977.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Trad. José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas, 2007.

DICIONÁRIO Patrístico e de antiguidades cristãs. Trad. Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002.

DOCUMENTO TEOLÓGICO DE BASE para o Congresso Eucarístico Internacional de Québec-Canadá. São Paulo: Paulus, 2007.

EVDOKIMOV, Paul. **L'Orthodoxie**. Trad. Rosana Araujo Viveiros. Paris: Declée de Brouwer, 1959.

FELLER, Vitor Galdino. Eucaristia e Reino de Deus. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 20, n. 41, p. 83-110, 2005.

GOEDERT, Valter Mauricio. Eucaristia, pão para a vida do mundo. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 20, n. 41, p. 6-33, 2005.

INTRODUÇÃO ao Lecionário da Missa. In: **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. 8. ed. Brasília: CNBB, 2023.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Dies Domini***. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. **Carta Apostólica *Mane nobiscum Domine***. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia***. São Paulo: Paulinas, 2003.

JOHANNY, Raymond. **A Eucaristia, caminho de ressurreição**. São Paulo: Paulinas, 1977.

KOUBETCH, Volodemer. **Espírito e Deificação**. Disponível em: <<https://metropolia.org.br/>

wpcontent/uploads/2015/03/3.6.16-EspiritualidadeEvdokimov.pdf> Acesso em: 14 mar. 2024.

LADARIA, Luis F. **A Trindade, mistério de comunhão**. São Paulo: Loyola, 2009.

LAMELAS, Isidoro P. **A Salvação como divinização na Patrística Grega**. Fátima: Congresso Internacional de Fátima, 2002.

LEÃO MAGNO. **Sermões**. São Paulo: Paulus, 1996.

LITURGIA das Horas. São Paulo: Vozes; Paulinas; Paulus; Ave-Maria, 1999. Vol. 1 e 2.

MARTÍN, Julián López. **A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral**. Trad. Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2022.

MERTON, Thomas. **O Pão Vivo**. Petrópolis: Vozes, 2023.

MISSAL Romano. 3. ed. Brasília: CNBB, 2023.

MONGE CONTEMPLATIVO. **Deificação: participantes da natureza divina**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática Católica: teoria e prática da teologia**. Trad. Volney Berkenbrock, Paulo Ferreira Valério, Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015.

NAVARRO, Carlos Alberto. Disponível em: <www.diocesesa.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Comunhão-Quando-teu-pai-revelou.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

PAULO VI. **Carta Encíclica *Mysterium Fidei***. São Paulo: Paulinas, 2006.

PRAXEDES, Giselle F.; NOLÊTO, Flávio P. A formação da pessoa humana à luz do mistério da Encarnação: aspectos teológicos e antropológicos. **Revista De Magistro de Filosofia**, Anápolis, ano 12, n. 26, 2019.

RATZINGER, Joseph. **Il Dio vicino: l'eucaristia cuore della vita cristiana**. Torino: San Paolo, 2003.

SALAMOLARD, Michel. **A Eucaristia, onde tudo se transforma**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SANTO AGOSTINHO. **Sermão 272**. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20050318_hoyos-letter_priests_po.html>. Acesso em: 16 maio 2024.

SANTO ATANÁSIO. **Contra os pagãos; A encarnação do Verbo; Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão**. São Paulo: Paulus, 2002.

SANTO IRINEU. **I, II, III, IV, V Livros**. São Paulo: Paulus, 1995.

SAVELLI, Pedro. **O Batismo e a Eucaristia na perspectiva da Deificação**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2011.

SCHEID, Eusébio Oscar. Eucaristia e promoção da pessoa humana. **Encontros teológicos**. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, ano 21, n. 44, p. 19-32, 2006.

SPIDLIK, Thomas. **La spiritualità dell’Oriente cristiano**: manuale sistematico. Roma: San Paolo, 1995.

TEXTO BASE do XVIII Congresso Eucarístico Nacional. São Paulo: Paulus, 2019.

VELIQ, Fabrício. **A epiclese enquanto espelho da Theosis**: uma abordagem possível na Teologia Oriental. Revista do Instituto de Ciências Humanas, Belo Horizonte, vol. 15, n. 22, 2019.

VIVEIROS, Rosana Araujo. **Deificação**: caminho de humanização em Paul Evdokimov. São Paulo: Loyola, 2017.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. São Paulo: Paulus, 1991.

ZIZIOULAS, Ioannis. **Eucaristia e Reino de Deus**. Trad. Vitor Galdino Feller. São Paulo: Mundo e missão; Florianópolis: ITESC, 2003.